

# A LUMINÁRIA POPULAR NA ILHA GRACIOSA

por  
RUI DE SOUSA MARTINS

*Aos graciosenses na comemoração  
dos 500 anos da Vila de Santa Cruz*

## 0. PRÓLOGO

Prosseguindo o estudo sistemático das candeias de azeite açorianas, um dos utensílios indispensáveis no equipamento doméstico da antiga casa rural insular, é altura de nos debruçarmos sobre as lâmpadas da ilha Graciosa. De 1984 a 1986, tive a oportunidade de efectuar algumas estadias na Ilha Branca, que me proporcionaram um inesquecível convívio com os seus habitantes, e durante as quais me pude aperceber de quanto era urgente incluir também esta ilha nos programas de investigação do Centro de Estudos Etnológicos da Universidade dos Açores. Os vários projectos então iniciados revelaram aspectos inéditos e até surpreendentes do rico património tradicional da Região e, graças ao apoio incansável e desinteressado de tantos graciosenses, é possível divulgar agora os primeiros resultados do trabalho realizado.

Devo referir, em primeiro lugar, o apoio que recebi do excelente Museu de Santa Cruz, animado pelo entusiasmo da sua directora, Professora Maria Teodora de Borba, e no qual funciona um Grupo de Amigos que muito tem feito para preservar o património cultural da ilha. Também não posso deixar de realçar aqueles que, conscientes dos objectivos científicos e culturais visados, contribuíram para a realização desta monografia: Padre João Baptista da Cunha, Padre José Simões Borges, Maria da Conceição da Cunha Andrade Albuquerque Coelho, Luís José Coelho, Eduardo Duarte Moniz, Valentina de Ascensão Neto Machado Pamplona, Alvaro Bettencourt, Domingos Correia da Silva, Maximino Silva Veiga, José Gabriel Toledo.

Para todos a minha homenagem e a minha gratidão. E como não posso retribuir a colaboração e a amizade recebidas de tanta gente que me acolheu nos vários lugares da ilha, dedico estas poucas notas etnográficas a todos os graciosenses, no ano em que a Vila de Santa Cruz comemora os seus 500 anos de existência. E, por último, gostaria de realçar o muito que este trabalho deve à criatividade e ao profissionalismo do artista plástico Joaquim Franco e dos fotógrafos Mário Soares e Abílio Barata.

## 1. CANDEIAS DE FERRO

### 1.1. Candeias com um só depósito

A — Um depósito e braço de suspensão

#### CANDEIA N.º 1

Esta lâmpada foi recolhida por nós no lugar da Lagoa (Praia — São Mateus) e entregue ao Museu da Graciosa. Pertencia a Alvaro Bettencourt que a recebeu da mãe. Em jeito de desabafo disse-nos ter comido muitas vezes à luz desta candeia que, segundo uma informação difícil

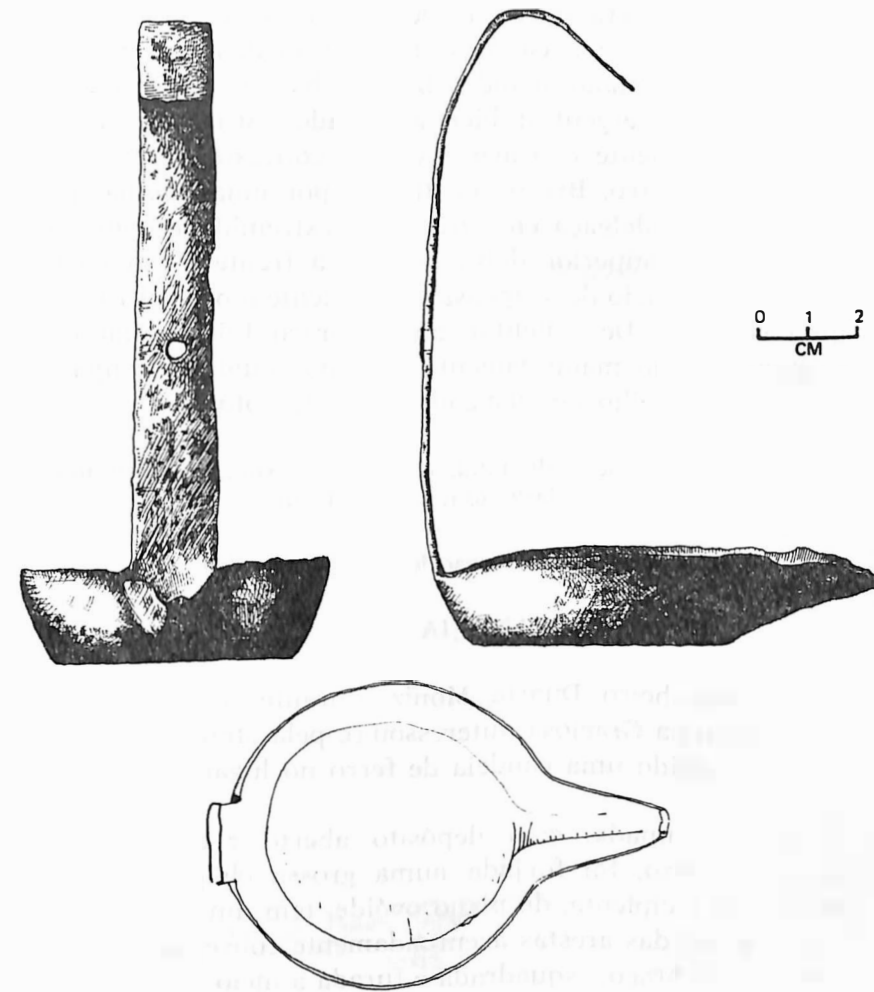


Fig. 1 — Candeia de ferro (Praia).

des. de Joaquim Franco

de confirmar, teria sido feita por um mestre Mateus, cuja oficina (*tenda*) era no lugar de Arrochela (Praia) <sup>1</sup>.

Trata-se de uma candeia com um só depósito aberto, recipiente de plano ovóide, bordos baixos, ligeiramente convexos e divergentes; bico estreitado, curto, aresta de perfil inicialmente côncavo e depois convexo, ponta revirada para dentro. Braço constituído por uma lâmina que se estreita e adelgaça em direcção à extremidade convexa. Tem a parte superior dobrada para a frente e, na parte média um orifício de suspensão. Recipiente e braço formam uma só peça. De salientar que o braço foi adaptado à suspensão e ao manuseamento, não possuindo a lâmpada qualquer aparelho de suspender (Fig. 1, Foto 1).

Dimensões: alt. total, 132 mm; depósito: comp., 92 mm; larg., 63 mm; alt., 19 mm.

#### B — Um depósito e aparelho de suspensão fixo

##### CANDEIA N.º 2

O engenheiro Duarte Moniz, durante o período em que residiu na Graciosa, interessou-se pela etnografia local, tendo recolhido uma candeia de ferro no lugar das Grotas (Guadalupe).

Esta lâmpada, com depósito aberto e aparelho de suspensão fixo, foi forjada numa grossa chapa de ferro (4 mm). O recipiente, de plano ovóide, tem um bico longo <sup>2</sup> com o perfil das arestas acentuadamente convexas. A parte superior do braço, esquadrada e furada a meio para fixação

<sup>1</sup> Informação de José Pereira Lima (Rebentão-Lagoa-Praia) que nos afirmou ter visto o mestre Mateus forjar candeias, em folha de ferro, sobre a bigorna. O mestre Mateus era tanoeiro de ofício e morreu acerca de 60 anos, mas um filho, António Ferreira Coelho (António *Mateus*), que chegou a ir à Argentina e à América, continuou a actividade paterna. Caderno de Campo n.º 21, 21-2-85.

<sup>2</sup> Comprimento superior ao raio.

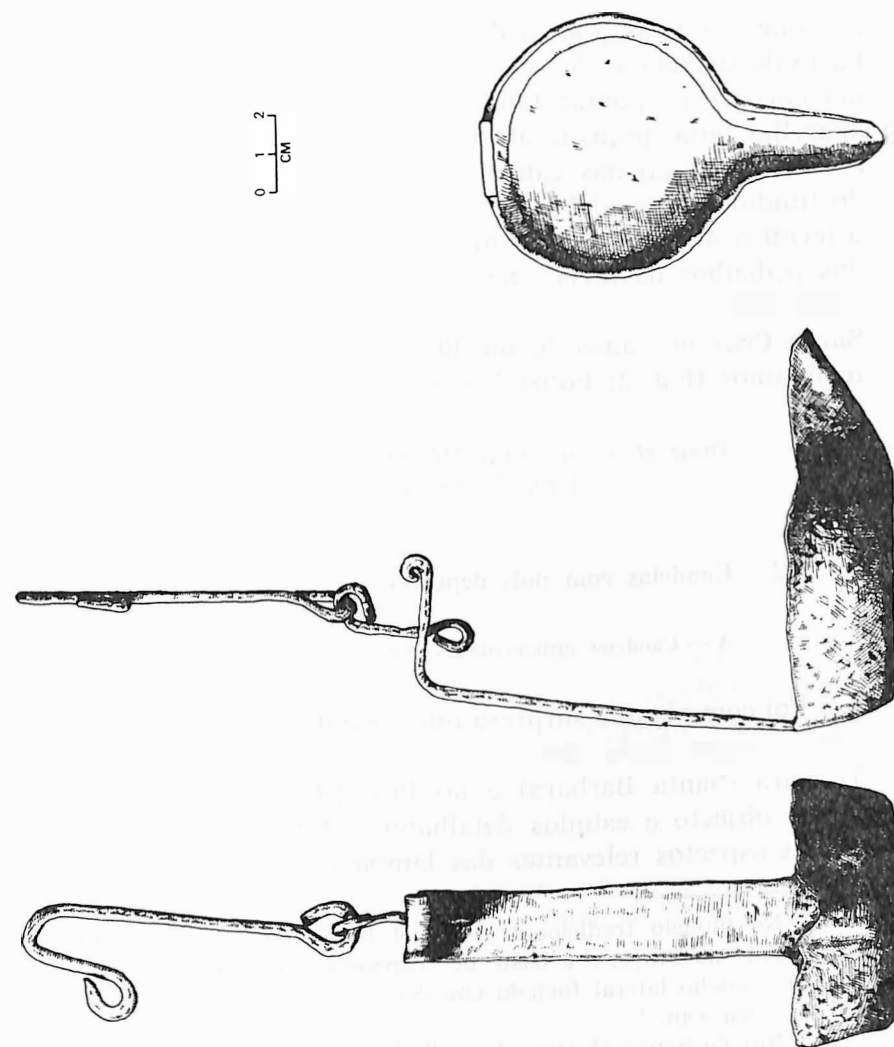


Fig. 2 — Candeia de ferro (Guadalupe).

des. de Joaquim Franco

do tornel, tem a extremidade forjada em voluta. O aparelho de suspensão é constituído por um tornel de verga de cobre, com as pontas dobradas em argola, e por uma haste de suspensão de verga de ferro com o gancho terminal curvo e as pontas também dobradas em argola. Este aparelho, cujas peças se afastam dos modelos tradicionais<sup>3</sup>, é semelhante ao das candeias de cobre saídas da oficina do fundidor Manuel Machado Velho, em Santa Cruz, onde o ferreiro Adalberto Augusto da Silva (1911-...) se ocupava dos trabalhos de forja<sup>4</sup>. Se as duas peças são de origem, então poderemos afirmar que esta candeia foi feita em Santa Cruz nos anos 30 ou 40, hipótese para a qual nos inclinamos (Fig. 2; Fotos 2 e 3).

Dimensões: alt. total, 230 mm; depósito: comp., 118 mm; larg., 70 mm; alt., 27 mm.

## 1.2. Candeias com dois depósitos

### A — Candeias ornamentadas com «cavalinhos»

Foi com alguma surpresa que encontramos na Graciosa três candeias duplas do tipo comprovadamente forjado na Terceira (Santa Bárbara) e no Pico (Ribeiras), e que já foram objecto e estudos detalhados<sup>5</sup>. Resta-nos sublinhar alguns aspectos relevantes das lâmpadas graciosenses.

<sup>3</sup> No modelo tradicional, o tornel tem uma cabeça forjada, que prende no braço, e a haste de suspensão termina em ponta e tem um gancho lateral forjado em «S».

<sup>4</sup> *Infra*, cap. 3.

<sup>5</sup> Rui de Sousa Martins, *Contribuição para o estudo da luminária popular açoriana (Pico, S. Jorge, Faial e Terceira)*, separata de «Arquipélago» (Série Ciências Humanas), Vol. VI, Ponta Delgada, 1984, pp. 39-54. Idem, *Achegas para o estudo da luminária popular das ilhas de S. Jorge e Terceira (Açores)*, sep. de «Arquipélago» (Série História e Filosofia), n.º 2, Vol. VII, Ponta Delgada, 1985, pp. 162, 164.

## CANDEIA N.º 3

Devemos ao folclorista, Padre José Simões Borges, a indicação da existência desta lâmpada, propriedade de Domingos Correia da Silva, morador na Carreira Aberta. Pertenceu ao sogro, Manuel Correia Gonçalves, que a recebeu, por sua vez do Conde Francisco de Paulo Barcelos, para quem trabalhava.

Estamos perante uma peça de excelente qualidade à qual, porém, já falta a tampa. Os motivos decorativos foram recortados, vazados e cinzelados com muita perfeição. A boca dos cavalinhos foi representada e a extremidade do braço superior da cruz, assim como a da pequena cremalheira, foram entalhadas. O contorno dos bordos do depósito foi sublinhado por um filete cinzelado, delimitando uma banda de tracejado oblíquo. Curiosamente todas estas características se encontram numa candeia da Terceira (Museu de Angra) e a banda de tracejado cinzelado surge numa outra candeia também terceirense, pertencente à colecção de Francisco Ernesto de Oliveira Martins<sup>6</sup>. Por isso mesmo, pensamos que a candeia graciosense foi forjada em Santa Bárbara da ilha Terceira, na oficina donde saíram as suas congéneres (Figs. 3 e 4; Fotos 4 e 5).

Dimensões: alt. total, 285 mm.  
parte superior: alt., 95 mm; depósito: comp., 97 mm; larg., 60 mm; alt., 21 mm.  
parte inferior: alt., 207 mm; depósito: comp., 104 mm; larg., 64 mm; alt., 22 mm.

## CANDEIA N.º 4

Esta lâmpada, pertencente às colecções etnográficas do Museu da Graciosa, foi recolhida na freguesia da Luz,

<sup>6</sup> Rui de Sousa Martins, *Contribuição ...*, p. 47, fotos 16 e 19.

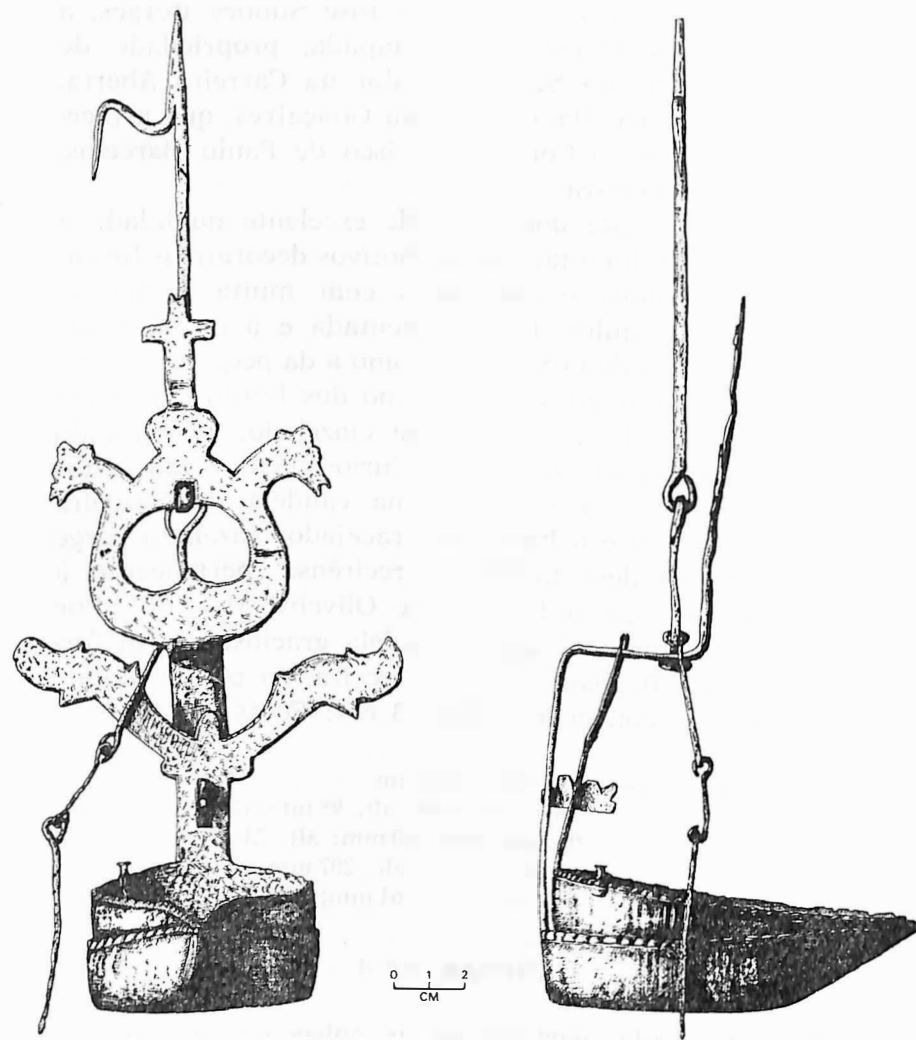


Fig. 3 — Candeia de ferro (Carreira Aberta).  
des. de Joaquim Franco

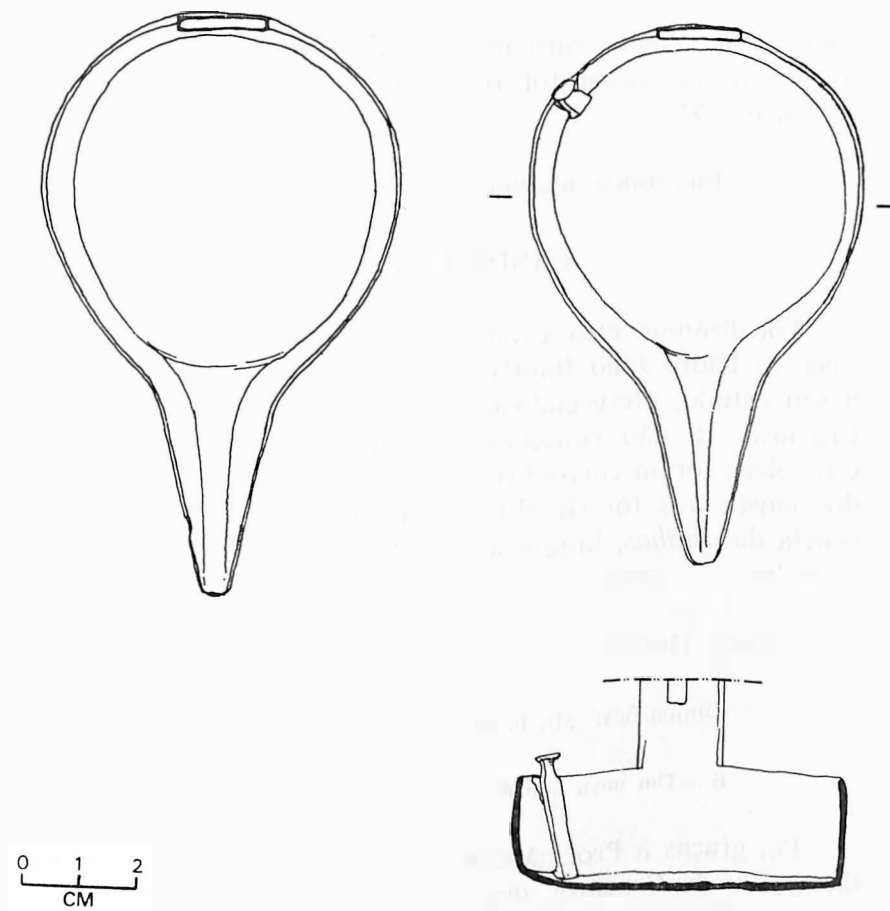


Fig. 4 — Candeia de ferro (Carreira Aberta).  
des. de Joaquim Franco

sendo um dos raríssimos exemplares que conserva todas as peças, muito embora o *cavalinho* esquerdo esteja praticamente destruído. A extremidade da tampa tem um recorte côncavo, pormenor raro nas candeias de ferro açorianas. A cabeça do tornel foi reforçada com arame enrolado (Fotos 6 e 7).

Dimensões: alt. total, 272 mm.

#### CANDEIA N.º 5

Localizámos esta candeia no Caminho de Cima, na casa do Padre João Baptista da Cunha, que nos facilitou o seu estudo, oferecendo-a, posteriormente, ao Museu da Graciosa. Já não conserva a tampa nem o espevitador e os bicos foram corroídos pelo uso prolongado. O recorte dos *cavalinhos* foi simplificado e, nos ângulos de divergência da *asinhãs*, faltam as características saliências pontiagudas, presentes em todas as lâmpadas deste tipo. É natural que se trate de uma peça tardia ou pouco aprimorada (Fotos 8 e 9).

Dimensões: alt. total, 290 mm.

#### B — Um novo tipo de candeia dupla

Foi graças à Prof.<sup>a</sup> Maria Teodora de Borba, directora do Museu da Graciosa, que soubemos da existência desta preciosa lâmpada que ornamenta uma das mais belas casas de Santa Cruz, propriedade de Luís José Coelho e Maria da Conceição da Cunha Andrade Albuquerque Coelho, dos quais recebemos especiais facilidades para proceder ao seu estudo. Esta peça, além de ter sido muito afectada pelo prolongado uso e de ter perdido a tampa, foi electricificada para servir de candeiro, tendo sido furada para o efeito, em vários locais. O tornel original desapareceu e

foi substituído em data recente. As fotografias e os desenhos que ilustram este trabalho mostram a candeia já depois de ter sido parcialmente recuperada.

#### DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA

Candeia dupla, em ferro forjado, com dois depósitos levemente encaixados, sendo o superior fechado por uma tampa desaparecida. A parte superior móvel e constituída por um recipiente de plano ovóide, com bordos levemente divergentes e bico estreitado, de fundo direito, praticamente todo consumido pelo uso. No bordo posterior direito, o recipiente tem um gonzo cravado que também se apoia no fundo. O braço curto, com um rasgo rectangular e vertical, abre em duas asas divergentes e simétricas, ornamentadas com motivos recortados, vazados e cinzelados. No ângulo de divergência e nos ângulos de união com o braço existem pronunciadas saliências pontiagudas. Ornamentação: ramos vegetais muito estilizados, encimados por duas aves afrontadas, de bicos abertos. As croças<sup>7</sup> e os ovóides vazados emprestam leveza à composição. As duas asas foram também ornamentadas com vírgulas (predominantes) e pontos cinzelados. Os pontos aparecem sozinhos no início da ornamentação e nos vértices das duplas saliências pontiagudas ou formam séries: uma horizontal, interrompida pelo rasgo, e outra vertical, na saliência superior. As vírgulas formam também uma série horizontal interrompida, da qual partem outras séries que sublinham os ramos e os contornos das aves. As duas asas estão danificadas: a ave esquerda e parte das ramagens desapareceram, e alguns motivos cinzelados foram apagados pelo desgaste.

<sup>7</sup> Designamos por *croça* um ornamento de forma vegetal com a extremidade recurvada, à semelhança de alguns rebentos de plantas e da croça do bispo. Este ornamento é também designado por cogulho ou paquife.

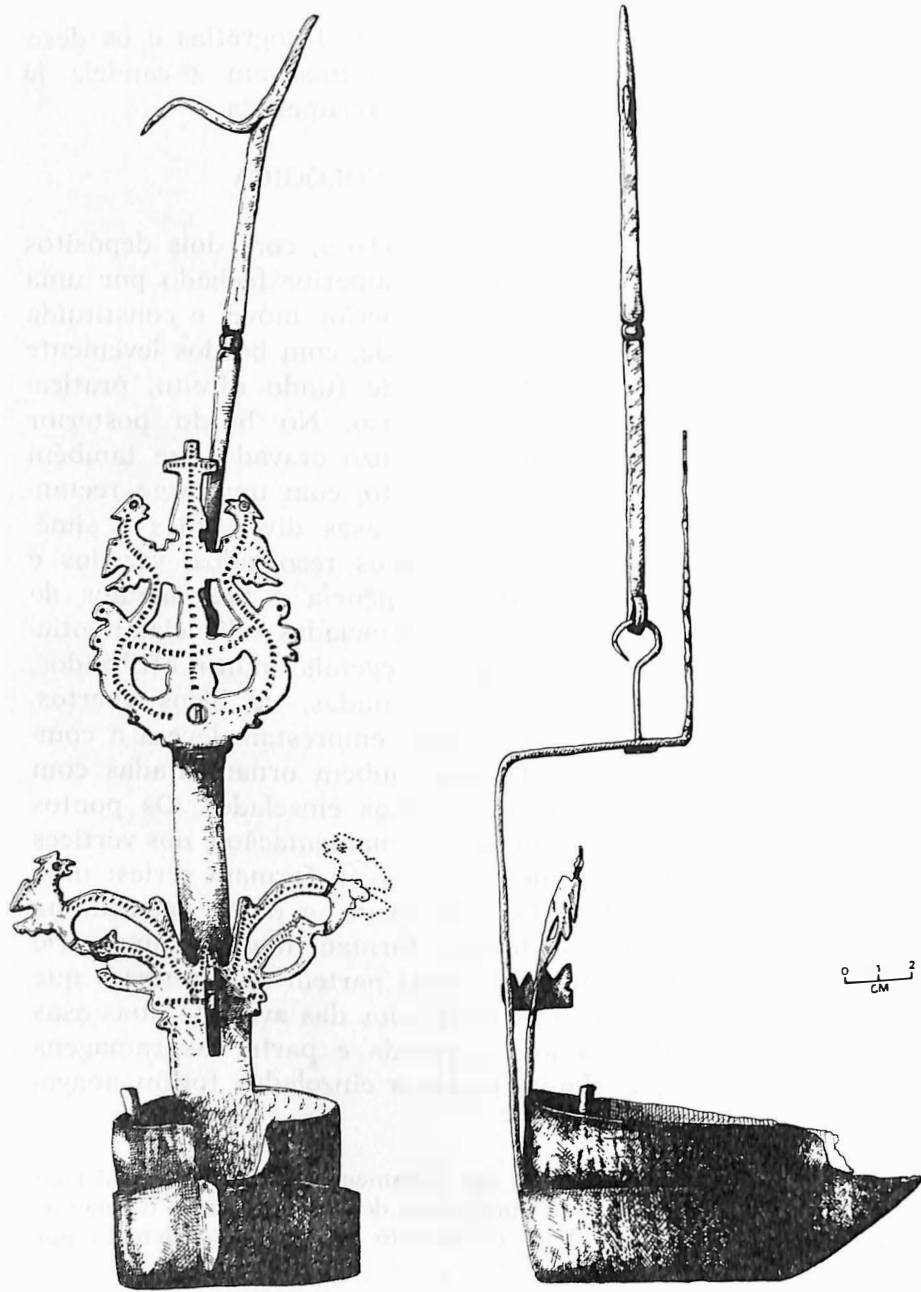


Fig. 5 — Candeia de ferro (Santa Cruz).

des. de Joaquim Franco

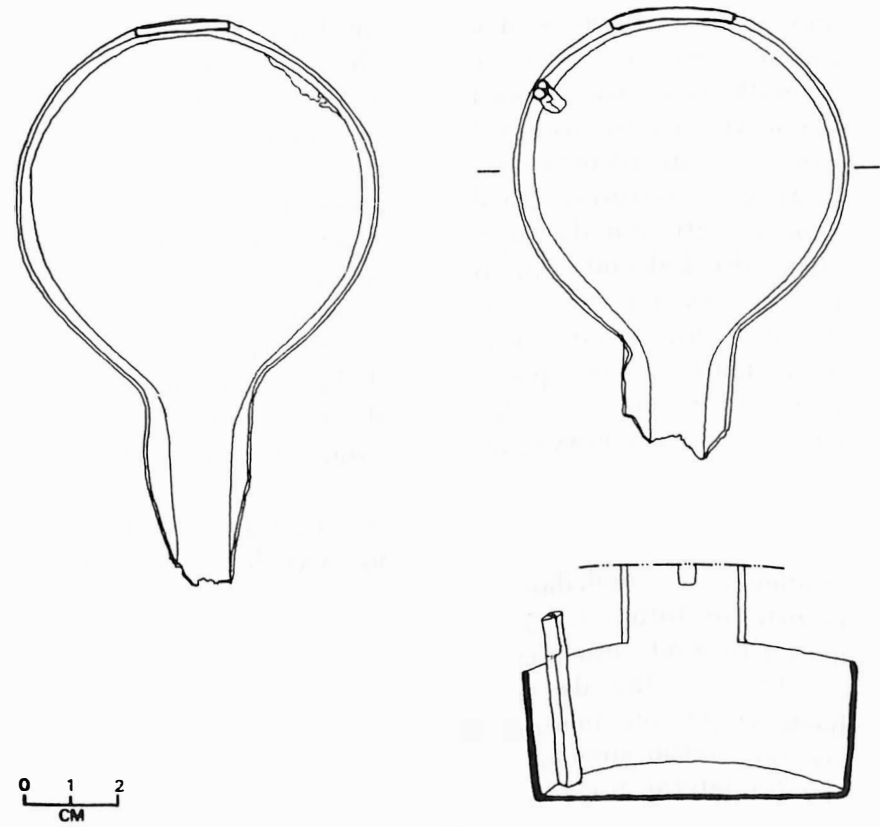


Fig. 6 — Candeia de ferro (Santa Cruz).

des. de Joaquim Franco

A parte inferior da candeia tem um recipiente aberto, idêntico ao anterior, mas ligeiramente maior, com um bico muito longo, de perfil superior levemente convexo. A comprida lâmina do braço estreita-se progressivamente, até se esquadrar para a frente, terminando num reflector ornamentado, perto do qual existe um furo para fixação do tornel. Mais ou menos a meio, o braço tem uma pequena cremalheira cravada, com três dentes e a extremidade entalhada. O reflector ovóide foi ornamentado simetricamente com motivos recortados, vazados e cinzelados: na parte inferior, o contorno tem dois motivos de recorte côncavo, com as extremidades superiores marcadas por um ponto cinzelado, ladeando um orifício circular (fases da lua?). O contorno intermédio tem dois motivos simétricos, de difícil identificação, constituídos por três saliências convexas marcadas por pontos cinzelados. Na parte superior recortam-se duas aves de bicos abertos, afrontadas, entre as quais emerge uma cruz latina, cujo braço inferior tem a extremidade alargada e os lados convergentes. O campo do reflector é ornamentado por uma figura cruciforme, de contornos curvilíneos, ladeada por vazados geométricos: triângulos e quadriláteros de lados curvos. Os motivos recortados foram sublinhados por séries de vírgulas e as aves têm ainda um ponto cinzelado.

Do aparelho de suspensão original, resta apenas a haste de secção quadrangular, galbada e dividida a meio por um rincão singelo. Tem a parte superior afilada e um gancho lateral forjado em «S», enquanto a extremidade inferior foi adelgaçada e dobrada em argola (Figs. 5 e 6; Fotos 10 e 11).

Dimensões: alt. total, 406 mm.  
 parte superior: alt., 116 mm; depósito: comp. actual, 100 mm; larg., 72 mm; alt., 30 mm.  
 parte inferior: alt. 275 mm; depósito: comp., 122 mm; larg., 77 mm; alt., 30 mm.

## ESTÉTICA E SIMBÓLICA DA CANDEIA

Da conjugação das proporções assim como da profusa ornamentação das asas e do reflector resultou a mais elaborada candeia de ferro que conseguimos localizar nos Açores. Na ornamentação, o artista utilizou motivos geométricos: cinzelados (pontos, vírgulas, rincão), recortados (côncavos, ângulos simples e duplos, saliências convexas); motivos zoomorfos: aves recortadas; e motivos fitomorfos: ramos de árvore recortados. O traçado da ornamentação é predominantemente curvilíneo e a organização dos motivos na composição baseia-se na simetria. No reflector os motivos desenvolvem-se ascensionalmente dos dois lados de um eixo central, convergindo na extremidade superior da cruz. Nas asas, os motivos divergem, segundo eixos irradiantes, a partir de um eixo central vertical.

Para além do valor estético dos motivos, alguns, senão todos, terão igualmente um valor simbólico que importa tentar decifrar, pois através dele poderemos encontrar a explicação última da composição. A cruz latina que domina a candeia, símbolo de Cristo, da Igreja, da Fé, da salvação dos crentes, tem igualmente uma função protectora e propiciatória. A enigmática figura central do aparelho, é também cruciforme e sobre ela cruzam-se duas séries de vírgulas cinzeladas. A cruz está assim no cimo e no centro do reflector, formulada de diferentes maneiras.

A figura de ave, que se repete nas asas e no espelho, representa segundo pensamos, o galo, a mais popular das aves do mundo rural. Aqui, teremos o galo de bico aberto, anunciando altivamente o sol e afastando as trevas e as coisas más<sup>8</sup>. No catolicismo, o galo está ligado à Paixão

<sup>8</sup> Carreiro da Costa, *Os animais nalgumas superstições populares micalenses*. «Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores», Ponta Delgada, 21, 1955, pp 167, 168.

e à afirmação da divindade de Cristo, sendo um dos seus emblemas. Possui igualmente uma simbologia laica, significando dominância viril e masculinidade. A nível simbólico, a cruz (Cristo) é assimilada ao galo, ao sol e à luz cósmica, fonte da vida, e da qual a luz da candeia não passa de pálido reflexo. Nas asas da lâmpada, os galos, em posição dominante, encimam as ramagens estilizadas de uma árvore. Possuirá esta também um valor simbólico, ligado à vida e, portanto, a Deus, ou significará antes o universo terrestre dos homens?

Na parte inferior do espelho, os dois recortes côncavos, ladeando um círculo vazado, parecem-nos representações semifigurativas da lua (quarto crescente-lua cheia, no eixo da cruz - quarto minguante) e, neste caso, classificaríamos estes motivos como astrológicos. As crenças populares atribuem à lua profunda influência (positiva e negativa) na vida da natureza e dos homens e, por isso, muitas tarefas eram executadas preferencialmente numa ou noutra fase lunar<sup>9</sup>. A representação deste astro pode ter uma função amulética: protecção contra os perigos da própria lua e das *coisas más* em geral. As três fases da lua representadas também podem ser assimiladas ao ciclo de vida do homem.

Em suma, mesmo desempenhando funções puramente estéticas, os motivos decorativos e a sua estruturação foram ditados pelas crenças religiosas vigentes na época da feitura.

#### POSIÇÃO DESTA LÂMPADA NO CONTEXTO DAS CANDEIAS AÇORIANAS

Se nos abstrairmos da riqueza estética e simbólica, sem par nas lâmpadas de ferro açorianas, e olharmos unicamente para a sua estrutura fundamental, veremos

<sup>9</sup> Ernestoerreira, *Ao Espelho da Tradição*. Ponta Delgada, 1943, pp. 94-97.

que esta candeia é modularmente idêntica às candeias duplas de tipo Santa Bárbara-Ribeiras que, como sabemos, também existiram na Graciosa: reflectores de suporte ovóide, recipiente superior dotado de asas divergentes que prolongam um braço curto, tampa articulada num gonzo cravado no bordo do depósito, aparelhos de suspensão idênticos. Acrescentemos que o recorte na extremidade da cremalheira (marca de artífice ou de oficina?) aparece igualmente numa lâmpada terceirense do Museu de Angra<sup>10</sup>, sendo provável que esta candeia da Graciosa tenha saído das mãos hábeis dos ferreiros de Santa Bárbara (Terceira).

## 2. CANDEIAS DE COBRE

Conseguimos observar apenas 3 candeias forjadas em cobre, todas com depósito aberto e aparelho de suspensão fixo.

A — Recipiente e braço formam uma só peça

### CANDEIA N.º 1

Esta lâmpada de recipiente invulgarmente grande, pertence a Maximiliano Silva Veiga (Caminho da Vitória). O braço teve de levar uma parte superior nova, com a extremidade alargada, de recorte subcircular, e cravada com dois rebites. O tornel e o gancho de suspender são em verga de cobre e as duas peças têm as pontas dobradas em argola. Foi forjada pelo ferreiro Adalberto Augusto da Silva (1911-...), da Vitória, que a ofereceu ao actual proprietário.

Este artífice iniciou-se na sua arte aos catorze anos, com o mestre Nicolau, oficial de ferreiro, natural do Pico,

<sup>10</sup> Rui de Sousa Martins, *Contribuição ...*, p. 47, foto 16.

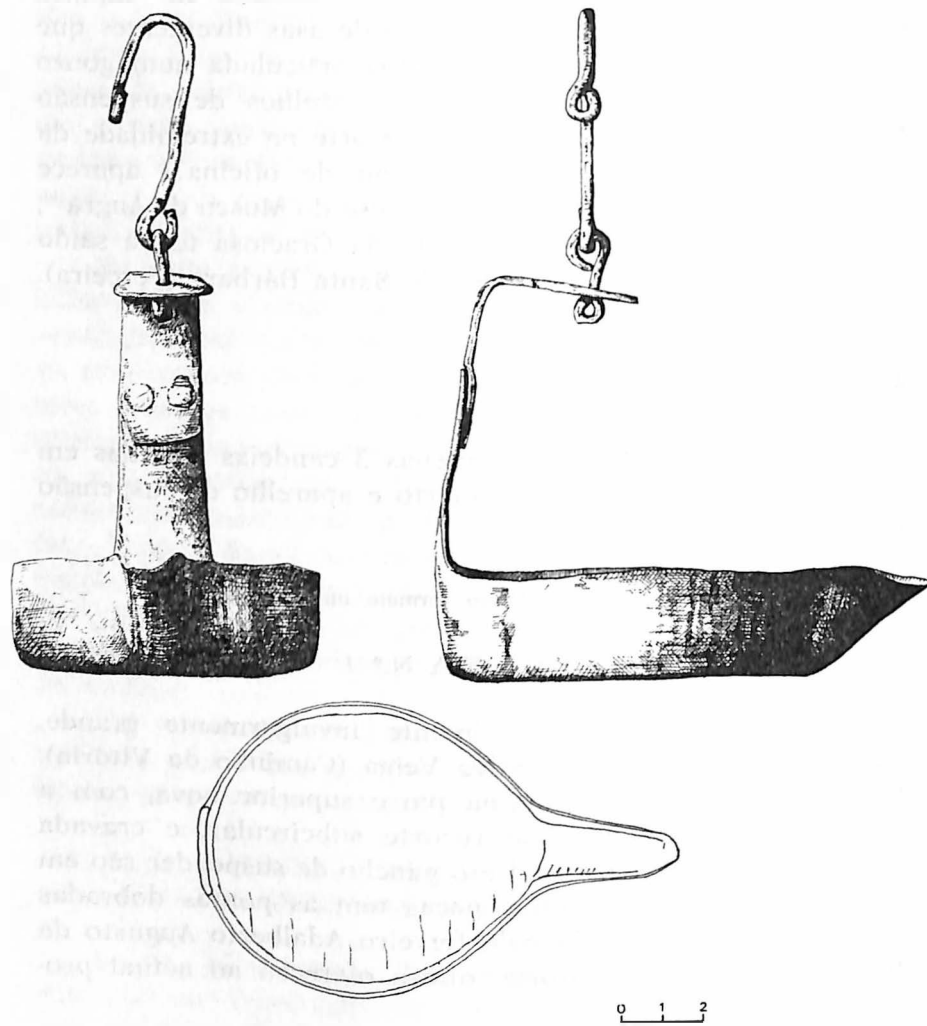


Fig. 7 — Candeia de cobre (Caminho da Vitória).  
des. de Joaquim Franco

que montara *tenda* em Santa Cruz, na Rua das Flores. Aos dezoito anos começou a trabalhar na oficina do mestre Manuel Machado *Velho*, latoeiro e fundidor, onde esta candeia deve ter sido forjada <sup>11</sup> (Fig. 7; Fotos 12, 13 e 14).

Dimensões: alt. total, 182 mm; depósito: comp., 124 mm; lar., 83 mm; alt., 30 mm.

#### B — Recipiente com braço cravado

O Museu da Graciosa possui duas lâmpadas deste tipo, das quais apenas uma se encontra completa. Em qualquer delas não existe reflector e o braço é cravado na face interna da parte posterior do depósito.

#### CANDEIA N.º 2

O recipiente desta lâmpada, recolhida no lugar das Fontes, tem o perfil superior convexo e o bico inclinado para baixo. O braço termina num recorte trifacetado. O tornel, bem como o gancho de suspender são em verga de ferro e, tal como na candeia n.º 1, as pontas foram dobradas em argola (Fig. 8; Foto 15).

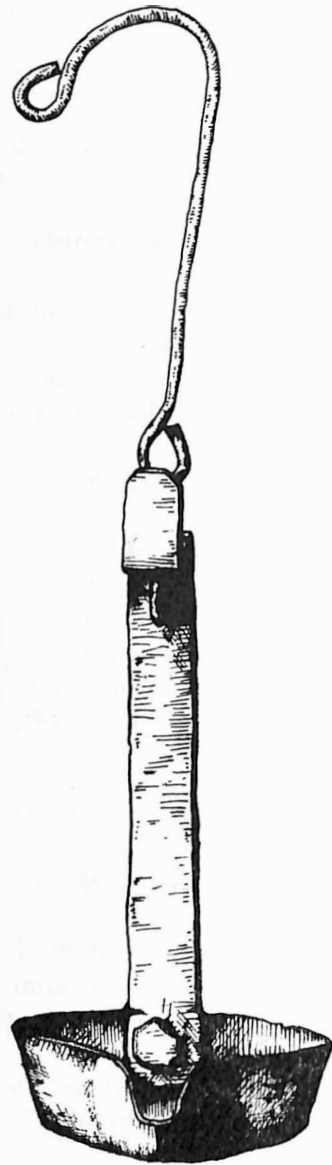
Dimensões: alt. total, 250 mm; depósito: comp., 102 mm; larg., 69 mm; alt., 23 mm.

#### CANDEIA N.º 3

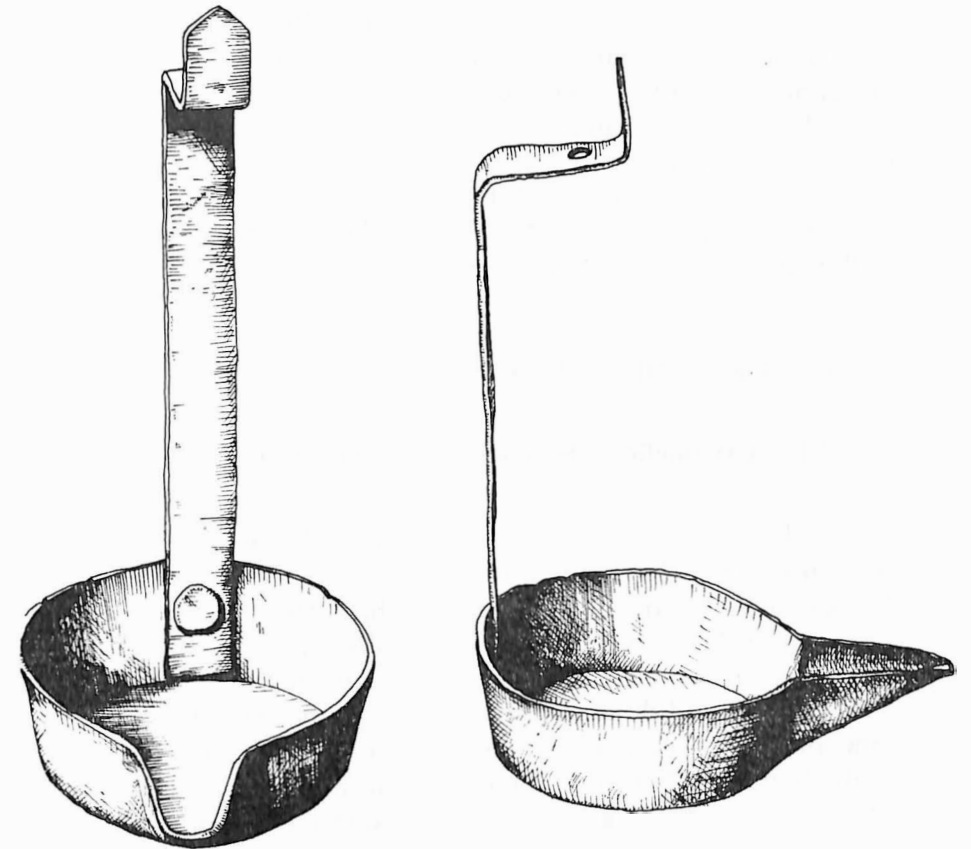
Esta candeia, recolhida no lugar do Bom Jesus, é idêntica à anterior, mas perdeu o aparelho de suspensão. A extremidade do braço tem um recorte em ponta (Fig. 9).

Dimensões: alt. total, 152 mm; depósito: comp., 106 mm; larg., 73 mm; alt., 27 mm.

<sup>11</sup> Caderno de Campo n.º 24, 11-11-85.



**Fig. 8** — Candeia de cobre (Fontes).  
des. sobre fotografia de Joaquim Franco



**Fig. 9** — Candeeiro de cobre (Bom Jesus).  
des. sobre fotografia de Joaquim Franco

## CONCLUSÕES

Estas lâmpadas de cobre, com aparelho de suspensão idêntico, saíram, com toda a certeza, da oficina de Manuel Machado *Velho* (Santa Cruz) a cuja obra nos referiremos no capítulo seguinte. O facto e algumas terem o braço cravado traduz uma maior facilidade na feitura assim como o uso de técnicas de união, próprias da latoaria e da funilaria. Todas elas são produto de uma fase mais recente da arte dos metais nos Açores, ligada sobretudo ao trabalho do cobre, do latão e até do alumínio.

## 3. CANDEIAS DE LATÃO

## 3.1. Um fundidor de candeias em Santa Cruz

Já fizemos referência a mestre Manuel Machado *Velho* que, nos anos 30 e 40, teve uma oficina de fundição e forjamento de metais em Santa Cruz. Manuel Machado ocupava-se da fundição, mas os trabalhos de forja corriam por conta o ferreiro Adalberto Augusto da Silva (Vitória, 1911-...). O fundidor começou a vida a consertar loiça e a sua primeira oficina foi na Vitória (Charco do Boga), trabalhando mais tarde numa fundição perto da doca, onde aprendeu a arte. Era tão engenhoso que na sua oficina de Santa Cruz construiu um torno de ferro accionado por um burro. Aí forjaram-se candeias de ferro e de cobre e fundiram-se lâmpadas de latão de que não conseguimos descobrir qualquer exemplar. O engenheiro Duarte Moniz teve, porém, o mérito de recolher o modelo que servia para abrir os moldes dos depósitos, em caixas de areia. Trata-se de um modelo metálico, fundido numa liga de estanho e chumbo, e que podia ser reproduzido inúmeras

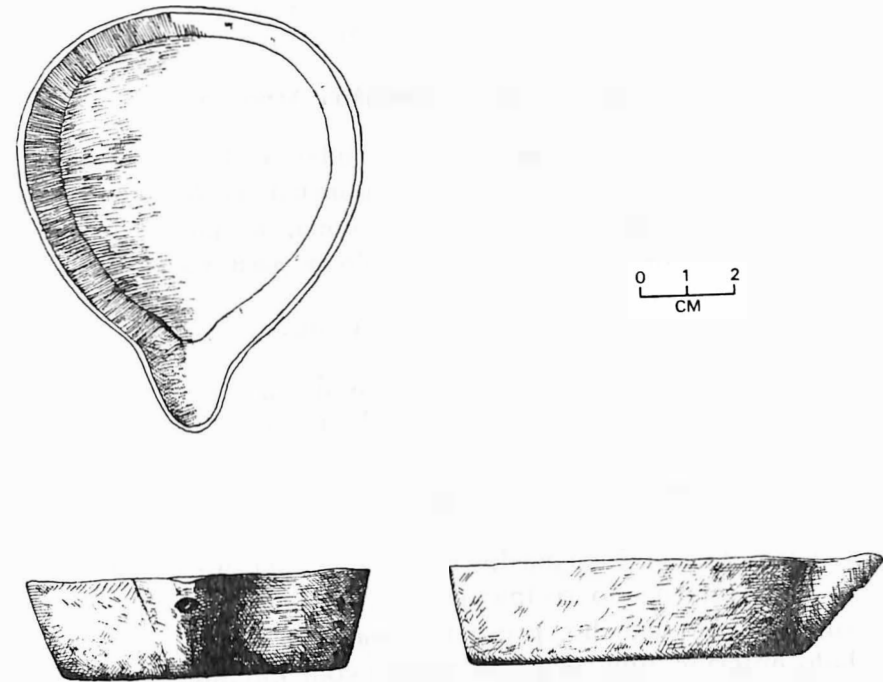


Fig. 10 — Modelo em estanho e chumbo para fundir depósitos de candeia.  
des. de Joaquim Franco

vezes. O braço da candeia teria de ser unido por cravação ou soldagem (Fig. 10; Foto 16).

Dimensões do modelo: comp., 92 mm; larg., 73 mm;  
alt., 21 mm; espessura, 2 mm.

### 3.2. Uma obra de arte da luminária Açoriana

Foi durante as pesquisas efectuadas na Praia que descobrimos esta belíssima candeia, propriedade de Valentina de Ascensão Neto Machado Pamplona, a quem agradecemos o facto de nos ter facultado a peça para estudo.

#### ANÁLISE MORFOLÓGICA

Candeia dupla em latão, com os depósitos encaixados, sendo o interior (superior) fechado (Fotos 17, 18 e 19). A parte superior é móvel e constituída por um recipiente de plano ligeiramente ovóide, fechado por uma tampa; bordos altos<sup>12</sup>, direitos e divergentes; bico estreitado e longo. A ligação bico-bordos é em ângulo. O braço, soldado na face interna do recipiente tem, no lado posterior, um suporte com gancho, preso no aparelho elevatório e, no lado anterior, uma pequena mísula com molduras alternadamente convexas e côncavas, onde se apoia o reflector. Este é formado por um ornamento em jarra florida (albarada). A jarra tem asas vegetalizadas em «S», base direita, pé côncavo, ligações pé-bojo e bojo-ombro marcadas por um filete e bordo definido por um filete duplo. Da jarra saem dois ramos de folhagem, em forma de coração, emoldurando uma flor central de cinco pétalas (amor-perfeito). Deste motivo principal partem ramos de folhagem, botões e campânulas (Figs. 11, 13, 14 e 18).

A tampa é constituída por duas partes articuladas numa dobradiça. A parte posterior, com um recorte para se adaptar ao braço, fixa-se a uma peça roscada do reci-

<sup>12</sup> Altura igual ao superior ao raio.

piente, por meio de uma tarracha, que permite à tampa girar horizontalmente para a direita. A parte anterior tem uma ponta alongada com a extremidade recortada em semi-círculo e uma pega que a movimenta verticalmente (Fig. 15).

A candeia de baixo é fixa e tem um recipiente aberto, do mesmo tipo do anterior, mas ligeiramente mais largo e com o bico mais longo. No braço, podemos considerar várias partes: uma parte inferior estreitada e soldada na face externa do depósito, uma parte intermédia, rectangular, com dois rasgos longitudinais, rematada por uma dupla orelha, com orifício, para fixação do aparelho elevatório e uma parte superior curva, com furo, onde prende o tornel, terminando na base e encosto do ornamento-reflector em jarra florida. Esta jarra difere da anterior no pé ornamentado com molduras côncavas. O motivo central é idêntico nos dois reflectores, mas o coração é agora encimado por três folhas flor-de-lisadas e rodeado por ramos de folhagem e botões. No amor-perfeito, as duas pétalas superiores e a inferior foram sombreadas com finas séries de denteado curvo, recartilhado no torno (Figs. 11, 12, 14 e 18).

O aparelho elevatório é constituído por um cursor, accionado por um parafuso que funciona como máquina<sup>13</sup>. Na cabeça do parafuso, duas hastes, terminadas em volutas, formam um coração vazado e encimado por três folhas em flor-de-lis. O cursor, onde engancha o suporte da candeia móvel, tem, na parte superior, um dente que corre na ranhura do braço (Fig. 16).

O aparelho de suspensão é formado por três peças interligadas: um tornel, uma articulação de tipo cardan e uma haste de suspensão. O tornel foi feito com um parafuso que se prende ao cardan por meio de uma porca

<sup>13</sup> O parafuso que não se pode deslocar longitudinalmente, transforma o movimento de rotação em movimento de translação e multiplica a força aplicada.

rectangular. O cardan, ornamentado com linhas cinzeladas e recortes nas arestas, une-se à haste de suspensão por meio de um parafuso (Fig. 17). E foi precisamente nesta haste, com espeto e gancho lateral, que o artista requintou a sua imaginação e a sua habilidade técnica. Feita em metal fundido, foi completamente torneada numa profusão de molduras: esferas, convexo reverso, astrágalos separados por molduras côncavas, garganta directa e reversa e duas secções espiraladas, com torsões em sentidos opostos, separados por um astrágalo. Na secção inferior, as espirais em «Z» são planas e sublinhadas por denteado curvo recartilhado. A parte superior do gancho foi ornamentada com um motivo em forma de folhagem (Fig. 11; Foto 20).

Apesar de ter sinais de muito uso, a lâmpada encontra-se em excelente estado de conservação.

Dimensões: alt. total, 350 mm.

parte superior: alt., 104 mm; depósito: comp., 101 mm; larg., 66 mm; alt. sem tampa, 31 mm; alt. com tampa, 50 mm.

parte inferior: alt. 212 mm; depósito: comp., 105 mm; larg., 67 mm; alt. 32 mm.

#### ANÁLISE TÉCNICA

Trinta e um elementos da latão (35 a 40% de zinco) foram usados para fazer esta candeia. Os recipientes são formados por duas partes, bordos e fundo, recortadas em chapa fina (1 mm). Para fechar os bordos, uniram-se a topo as extremidades com respigas recortadas e soldaram-se com prata à face rebaixada do cabo, servindo este de cobrejunta. O fundo dos recipientes, a pega da tampa, a mísula e o gancho de fixação da candeia móvel, assim como as duas hastes do aparelho elevatório, foram igualmente soldados a prata. O suporte roscado, onde se aparafusa a tampa, foi soldado a latão. Os espelhos, fundidos e polidos, têm um perno de fixação à base e foram aparafusados a suportes posteriores. Na candeia superior, a

entrada do parafuso foi fresada, apresentando um alojamento cilíndrico.

A haste de suspensão é formada por três partes fundidas e unidas por soldagem a prata: cabo ou haste propriamente dita, ponta encurvada e gancho lateral. O cabo foi ornamentado com molduras feitas no torno, máquina-ferramenta usada igualmente para recartilhar o denteado curvo nas espiras em «Z» da haste, assim como em três pétalas do amor-perfeito da candeia de baixo. Na tampa, no tornel e no cardan, os parafusos, feitos pelo artifice da lâmpada, servem igualmente de eixo, permitindo o movimento das peças por eles ligadas. No aparelho elevatório, o parafuso, de cabeça cordiforme fundida, funciona também como máquina. A dobradiça articulando as duas partes da tampa, é uma característica desconhecida até agora, em lâmpadas açorianas, mas que aparece em candeias de ferro do continente<sup>14</sup>.

O artista demonstrou, nesta candeia de azeite, um perfeito domínio do trabalho do latão, praticando com mestria o recorte da chapa, a fundição, o torneamento, a recartilhagem, o fresamento, a abertura de roscas exteriores ou interiores e a soldadura a prata e cobre. Estamos perante a obra de um excelente mestre serralheiro e torneiro.

#### ESTÉTICA E SIMBÓLICA DA CANDEIA

Técnica e esteticamente, a candeia afasta-se das lâmpadas açorianas conhecidas, mas a forma dos depósitos, o tipo de gancho de suspender, o local de fixação da tampa, e a colocação do espelho inferior em segundo plano, relativamente ao superior, leva-nos a pensar que uma imagem mental das candeias duplas açorianas pode ter sido ponto de partida do processo criativo da nova lâm-

<sup>14</sup> Luís Chaves, *A arte dos metais*, in João Barreira (dir.), *Arte Portuguesa. As artes decorativas*, Vol. 2, Lisboa, s./d., p. 344 (Candeia de lagar de Orondo - Beira Baixa).

pada. O original aperfeiçoamento do sistema de suspensão e, sobretudo, a criação de um aparelho para movimentar o depósito superior são inovações sem paralelo conhecido. A ideia de reflectores-ornamento, com função sobretudo estético-simbólica, já materializada nas candeias duplas de ferro, concretiza-se aqui com particular requinte. A jarra, em forma de urna, com asas vegetalizadas enroladas em «S», donde brotam, em rigorosa simetria, ramos de folhagem, assim como a haste de suspensão, profusamente ornamentada com molduras, parecem-nos a tradução-recriação popular de um revivalismo oitocentista e urbano do gosto classicizante. Os reflectores-ornamento, cujo motivo central é um amor-perfeito inscrito num coração, possuem um evidente significado simbólico de temática amorosa e familiar: o amor perfeito é fonte de felicidade conjugal, de prosperidade e fecundidade. E o coração repete-se no parafuso que, movimentando a lâmpada, alimenta a intensidade da luz. Quem criou esta candeia não pretendia apenas iluminar a casa, mas, e sobretudo, dar uma prova de amor a um ente querido.

#### UM ARTISTA DA TERCEIRA

Segundo nos afirmou Valentina Pamplona, a candeia pertencia ao marido, António Dinis Pamplona Corte-Real (1892-1979) que a trouxera da Terceira (Praia da Vitória), em 1918, data em que se fixou na Graciosa. O marido disse-lhe que tinha sido feita pelo avô materno, autor de outros trabalhos artísticos em metal. Mais tarde, na ilha Terceira, soubemos que o artífice da lâmpada foi António Dinis Ormonde que teria frequentado a Academia Portuense de Belas Artes (1836-1911) e feito algumas viagens pela Europa<sup>15</sup>. De sua autoria conservam-se na posse de

<sup>15</sup> Estes elementos recolhidos oralmente precisam de ser comprovados e aprofundados com recurso a documentos escritos.

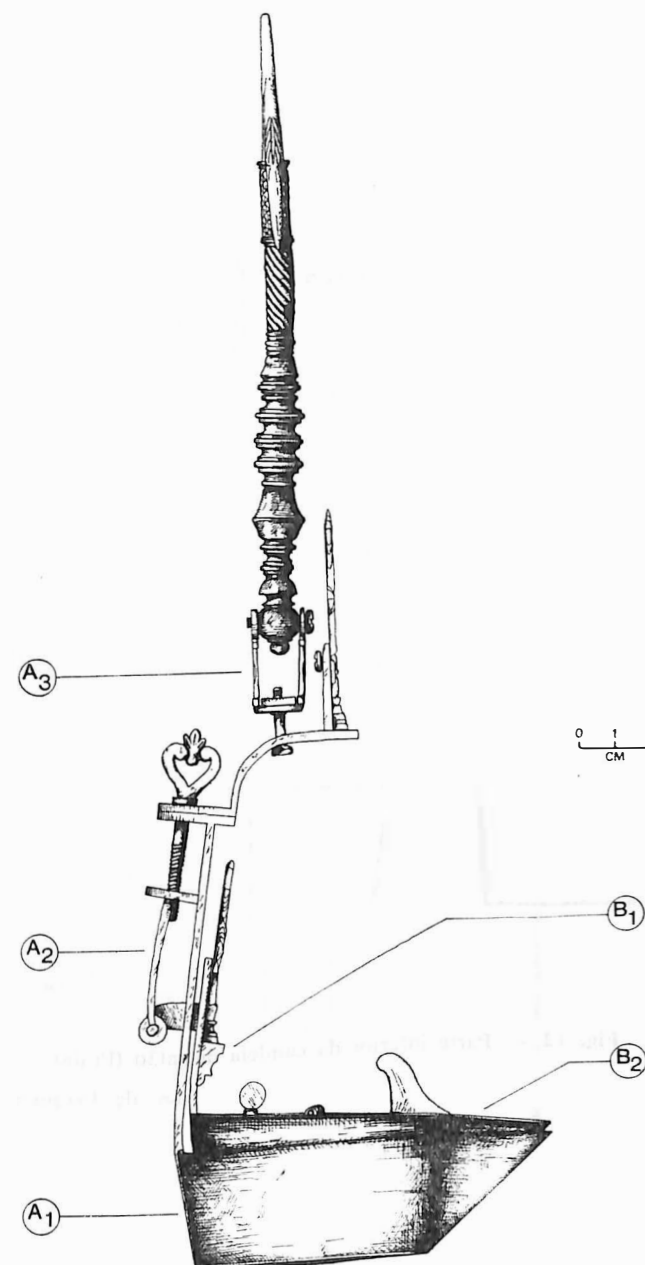


Fig. 11 — Candeia de latão (Praia).

des. de Joaquim Franco

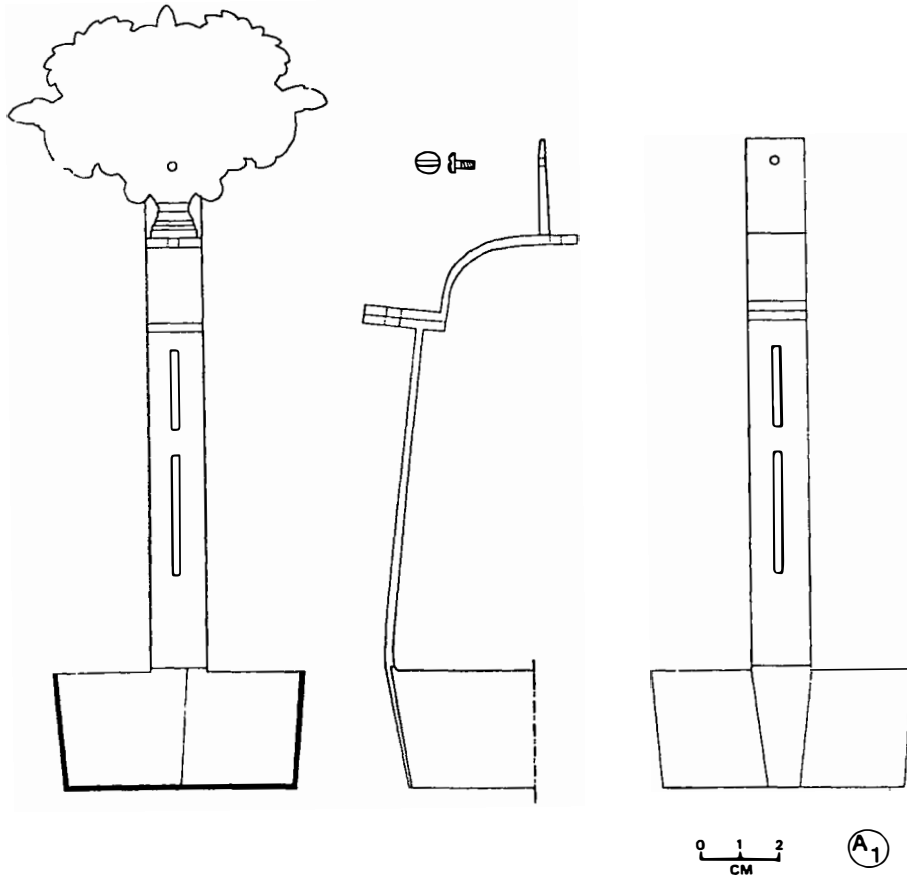


Fig. 12 — Parte inferior da candeia de latão (Praia).  
des. de Joaquim Franco

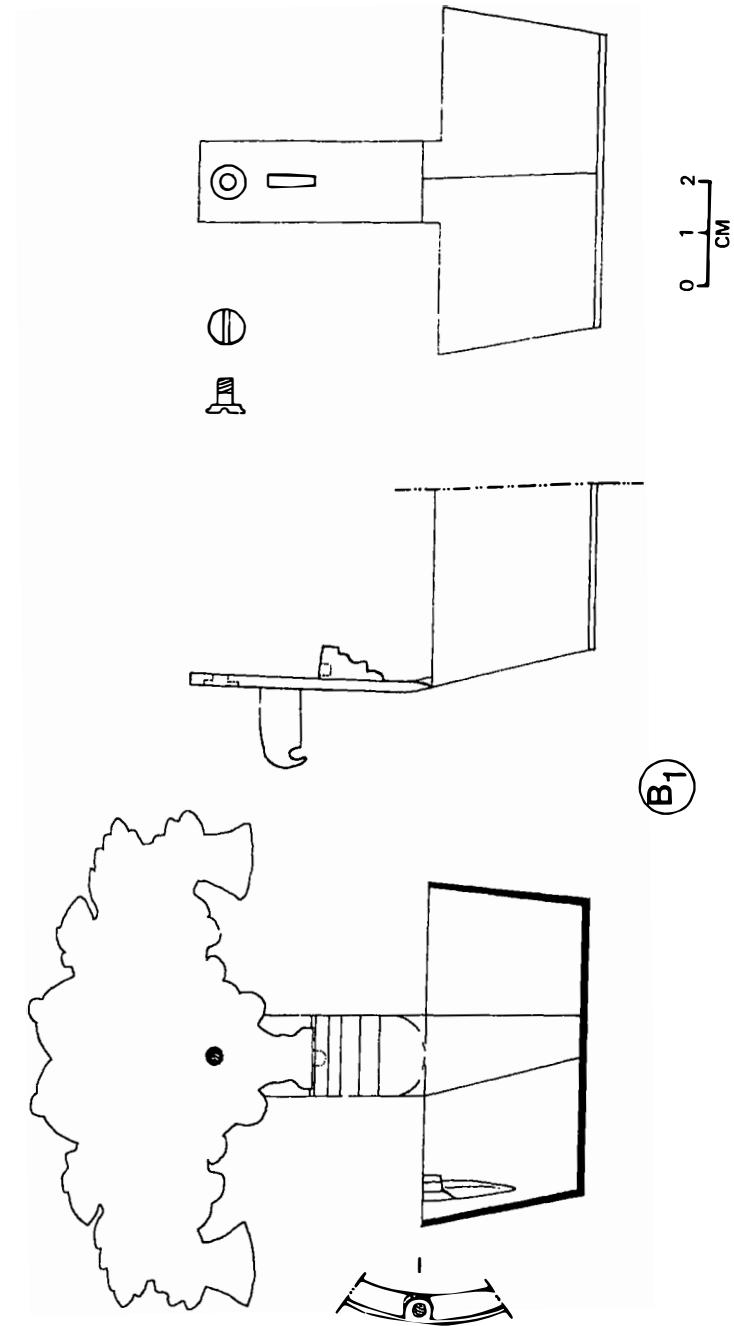


Fig. 13 — Parte superior da candeia de latão (Praia).  
des. de Joaquim Franco

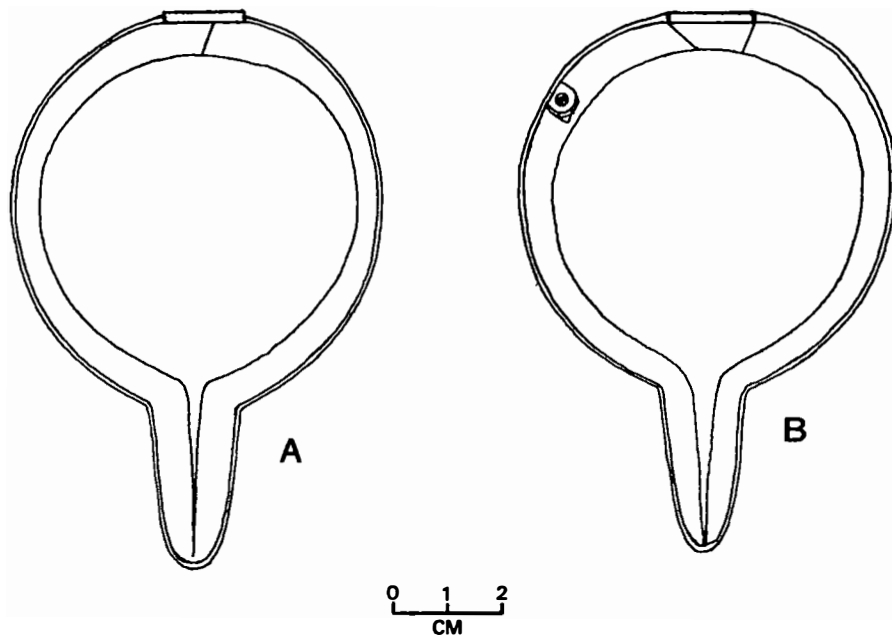


Fig. 14 — Depósitos da candeia de latão (Praia).  
des. de Joaquim Franco

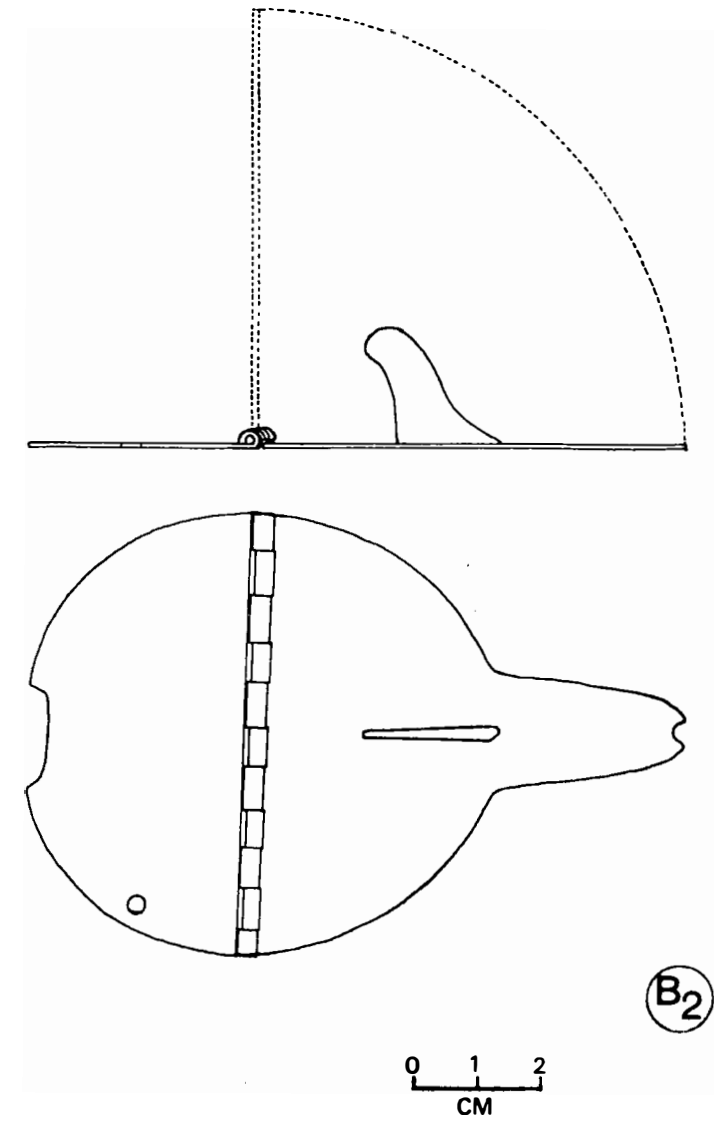


Fig. 15 — Tampa do depósito superior.  
des. de Joaquim Franco

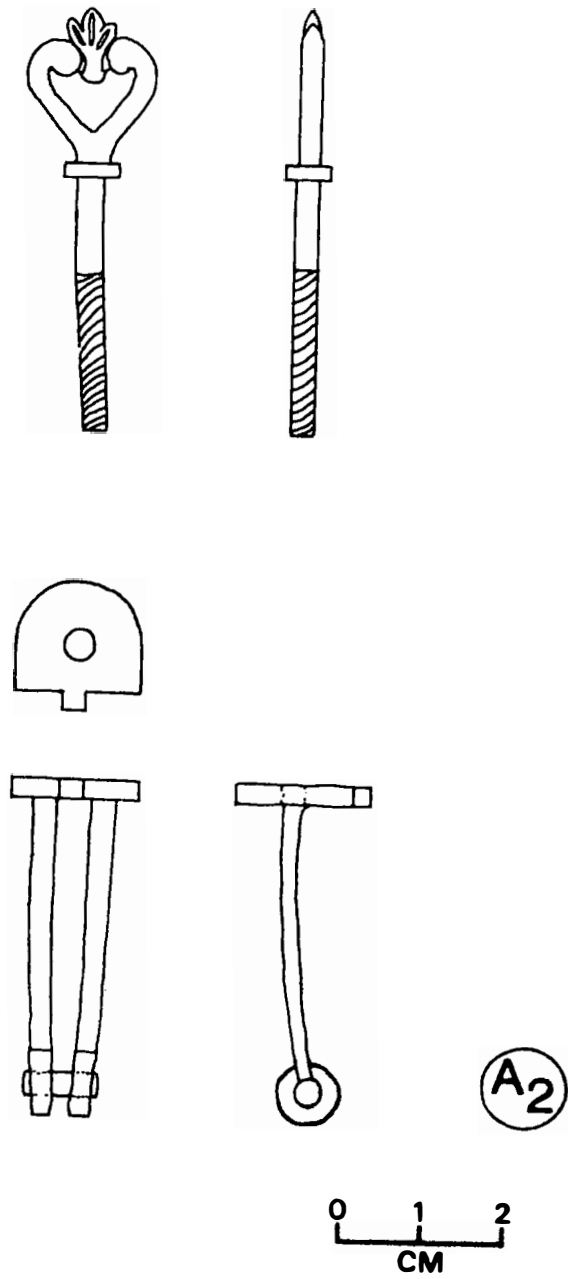


Fig. 16 — Aparelho elevatório.

des. de Joaquim Franco

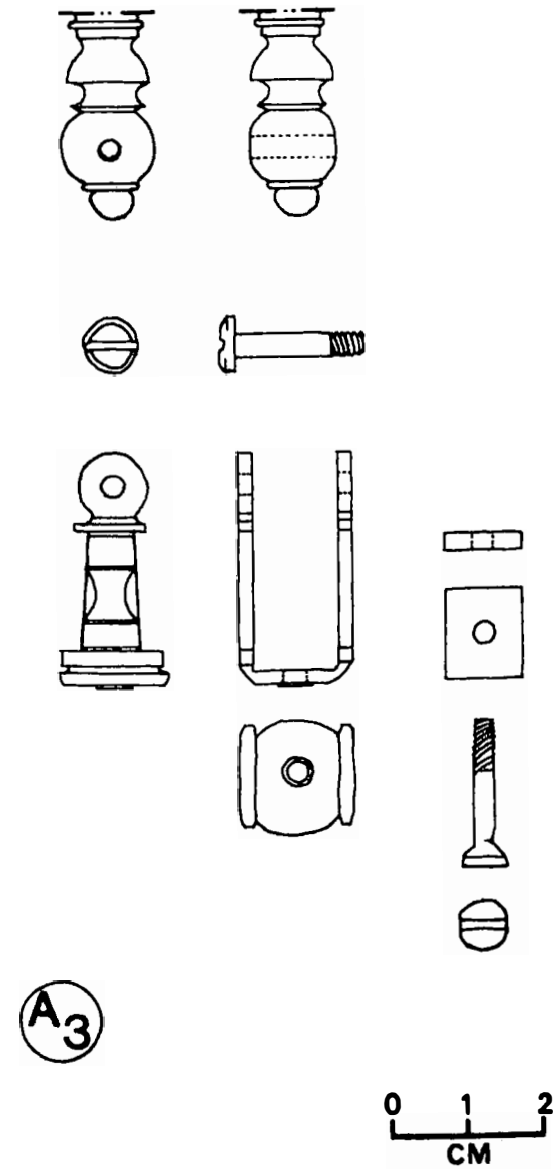


Fig. 17 — Tornel e articulação de tipo cardan.

des. de Joaquim Franco

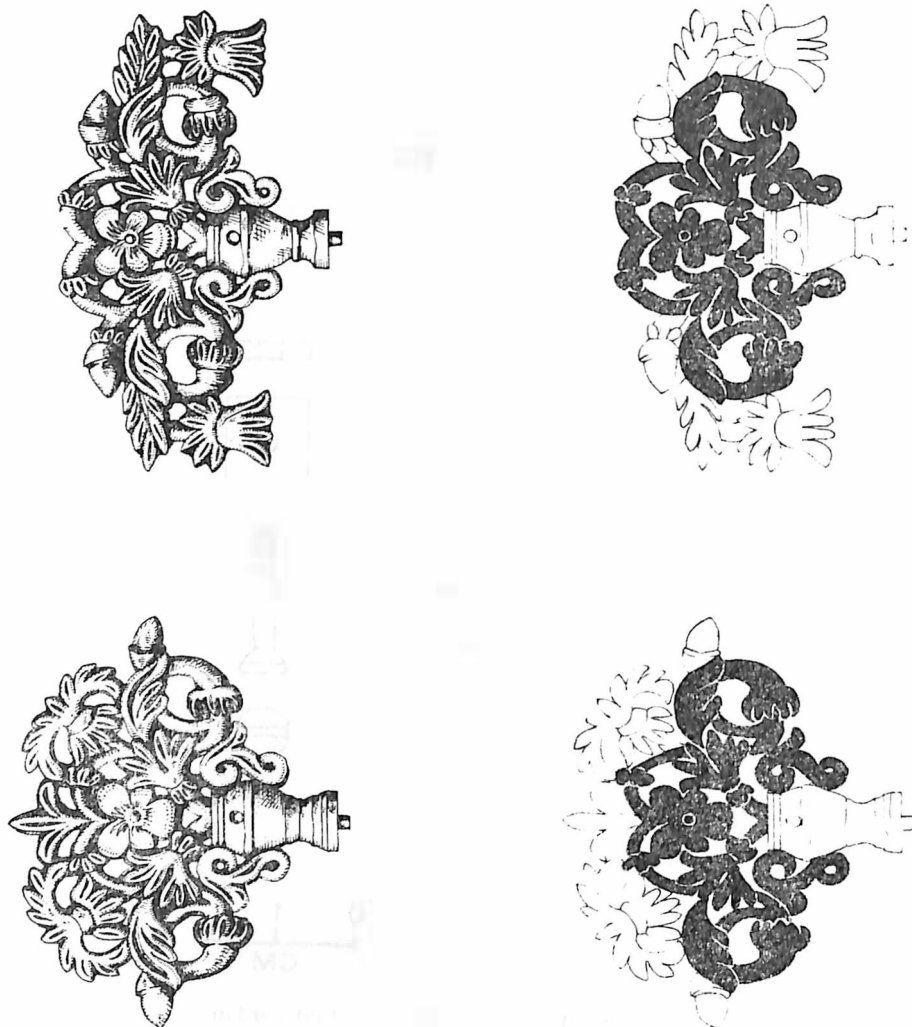
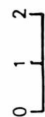


Fig. 18 — Reflectores-ornamento da candeia de latão.

des. de Joaquim Franco

José Gabriel Toledo (Praia da Vitória), um par de esporas de prata para criança, lindamente trabalhadas, assim como um par de *estribos de caixa*, em madeira e latão, também para criança. António Dinis Ormonde fazia o desenho das peças, mas não sabemos quem as executava.

O par de estribos tem especial interesse para o nosso trabalho, pois foi ornamentado com motivos em latão fundido, estilisticamente idênticos aos dos espelhos da candeia. Na parte superior convexa, cada estribo tem um espaço placado em latão liso e dois espaços ornamentados: um friso com folhagens lineares em «S» e um rectângulo preenchido com ramos de folhagem entrelaçados, desenhando um coração, onde se inscreve o monograma familiar D O (Dinis Ormonde). As guardas foram divididas pelo arco central em dois espaços preenchidos simetricamente por ramos de folhagem entrelaçados e botões preenchidos por séries paralelas de denteado curvo recartilhado. Também aqui o «S» é o motivo estruturante. A argola, de olho rectangular, foi ornamentada, lateralmente, com motivos foliados e os três arcos aparafusados, que cingem os estribos, têm os alojamentos dos parafusos ornamentados com motivos florais (Fotos 21, 22, 23 e 24).

Dimensões: comp., 275 mm; larg., 127 mm; alt., 177 mm; espessura, 13 mm.

Estes requintados acessórios de montar prendem-se, de algum modo, e segundo pensamos, com as lides tauro-máquicas, entusiasticamente cultivadas pelas várias gerações da família Dinis Ormonde. Tanto a candeia como os estribos, com movimentada ornamentação vegetal de gosto finissecular, são excelentes exemplares da arte de trabalhar o metal amarelo que teve grande desenvolvimento na ilha Terceira da segunda metade do século passado.

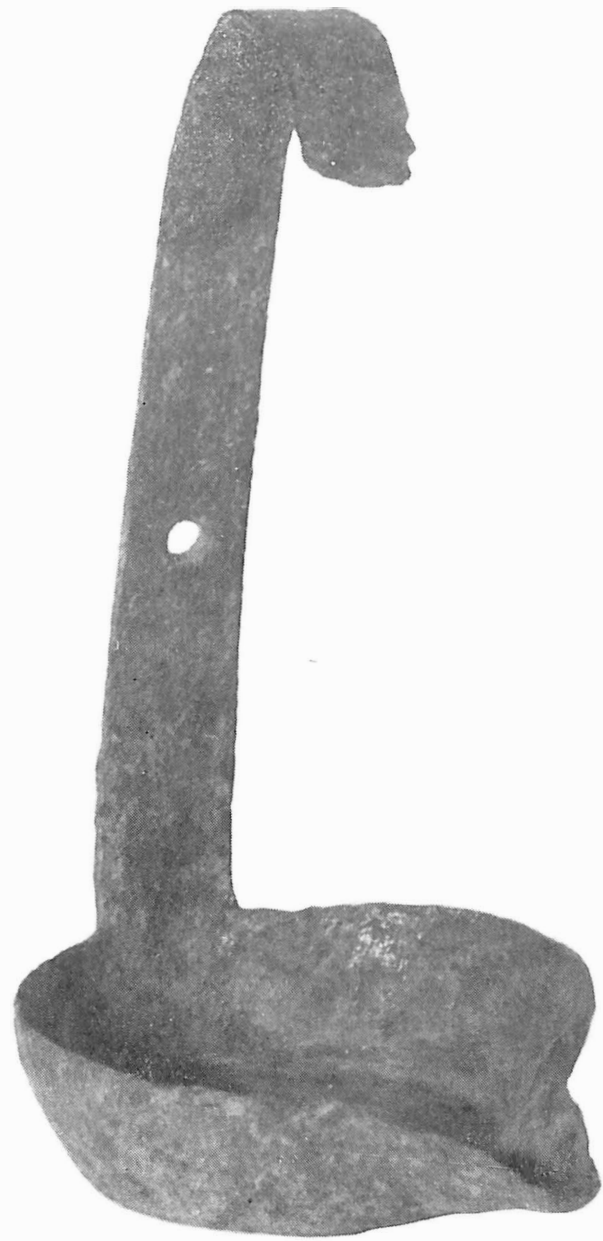


Foto 1 — Candeia de ferro (Praia).

Foto Barata e Soares



**Foto 2** — Candeia de ferro (Guadalupe).

Foto Barata e Soares



**Foto 3** — Candeia de ferro (Guadalupe).

Foto Barata e Soares



Foto 4 — Candeia de ferro (Carreira Aberta).

Foto Barata e Soares

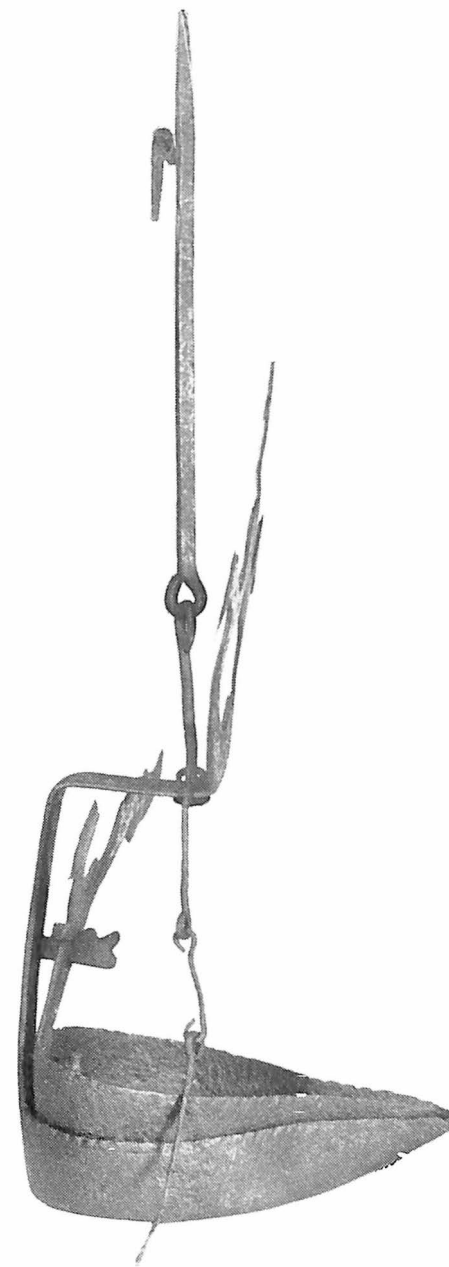


Foto 5 — Candeia de ferro (Carreira Aberta).

Foto Barata e Soares

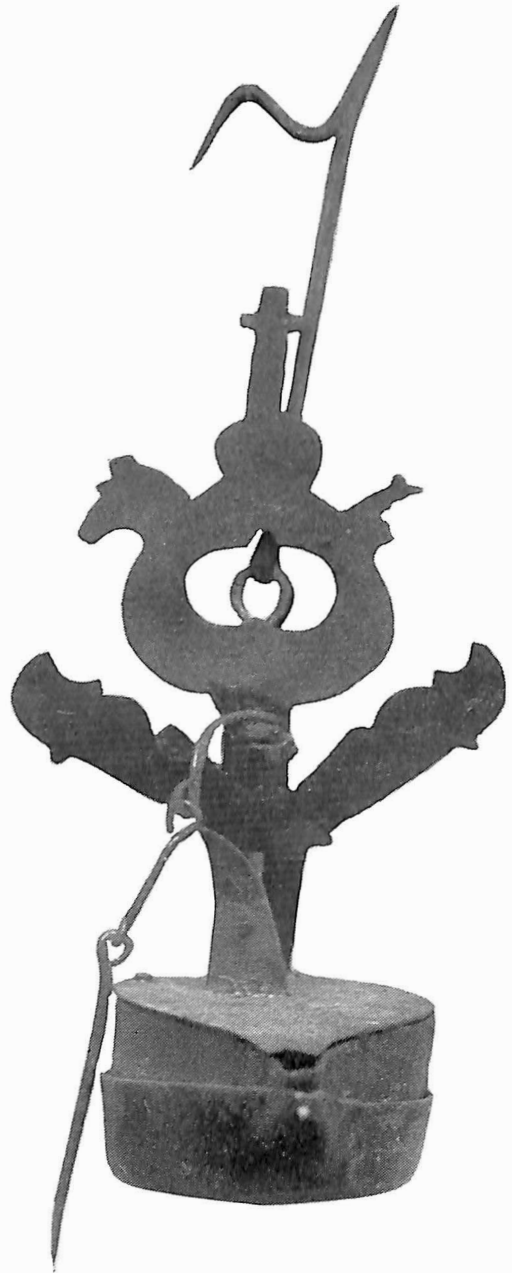


Foto 6 — Candeia de ferro (Luz).

Foto do Autor

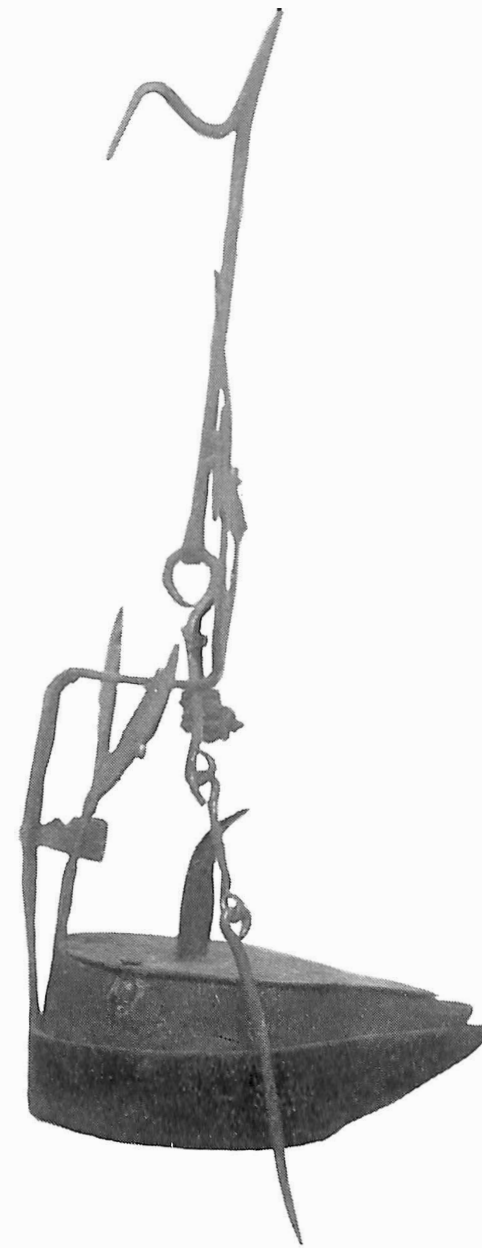


Foto 7 — Candeia de ferro (Luz).

Foto do Autor



Foto 8 — Candeia de ferro (Caminho de Cima).

Foto do Autor



Foto 9 — Candeia de ferro (Caminho de Cima).

Foto do Autor



Foto 10 — Candeia de ferro (Santa Cruz).

Foto Barata e Soares

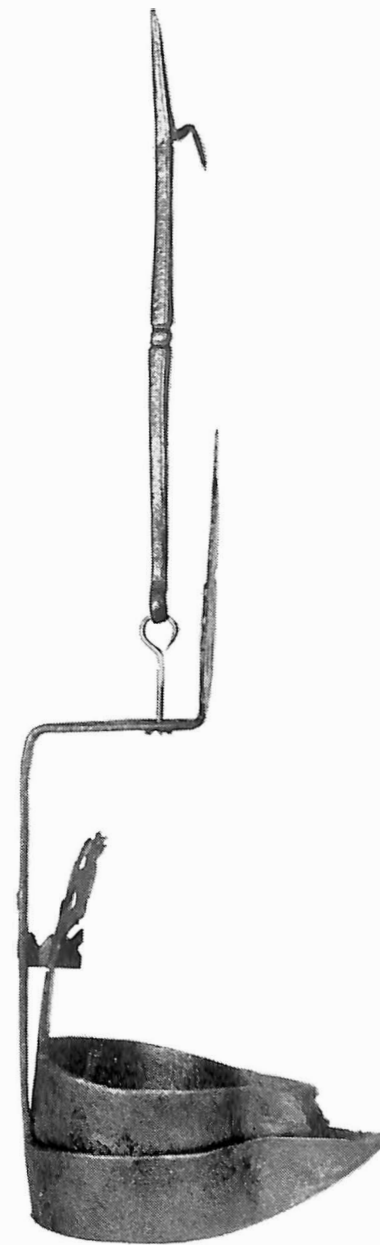


Foto 11 — Candeia de ferro (Santa Cruz).

Foto Barata e Soares



**Foto 12** — Candeia de cobre (Caminho da Vitória).

Foto Barata e Soares



**Foto 13** — Candeia de cobre (Caminho da Vitória).

Foto Barata e Soares

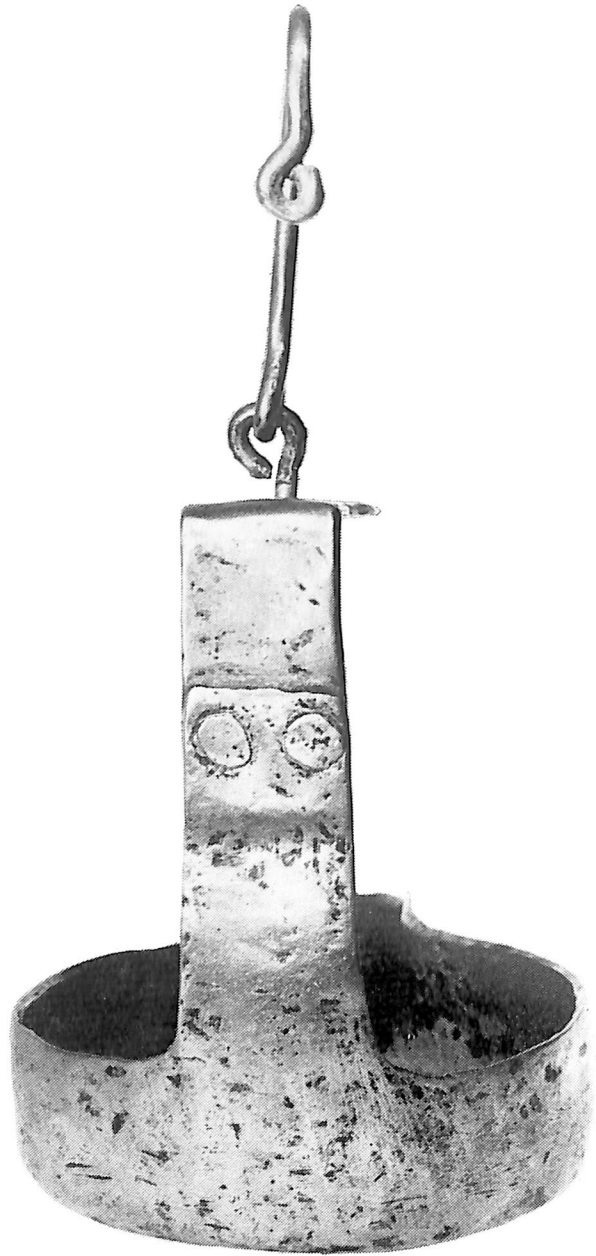


Foto 14 — Candeia de cobre (Caminho da Vitória).

Foto Barata e Soares

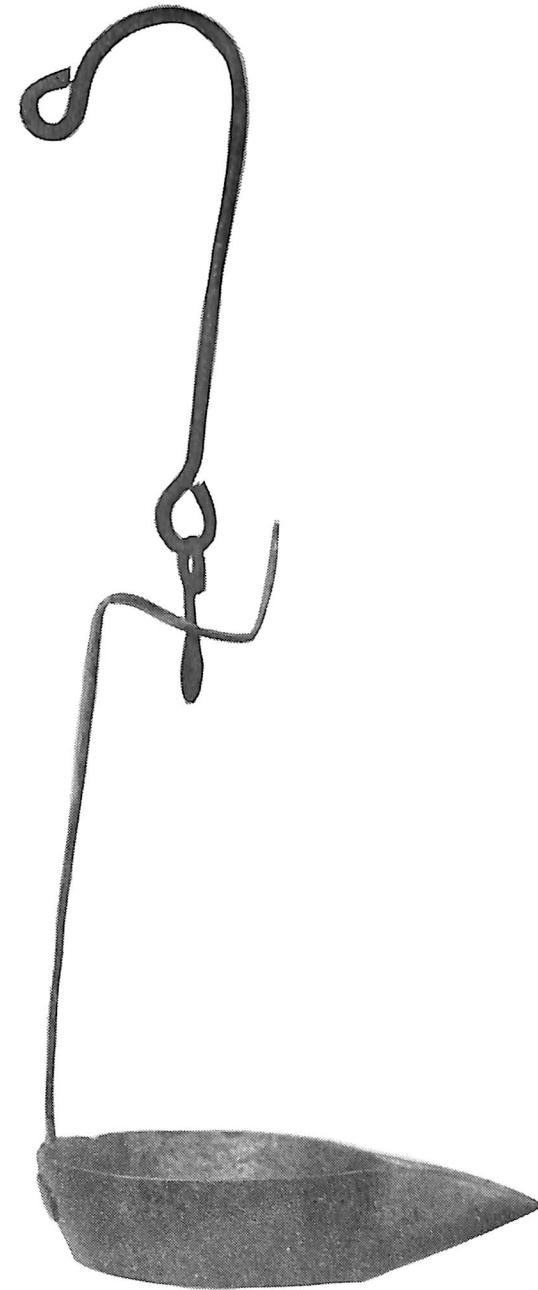


Foto 15 — Candeia de cobre (Fontes).

Foto do Autor



**Foto 16** — Modelo em estanho e chumbo para fundição de depósito de candeia (Santa Cruz).



**Foto 17** — Candeia de latão (Praia).

Foto Barata e Soares

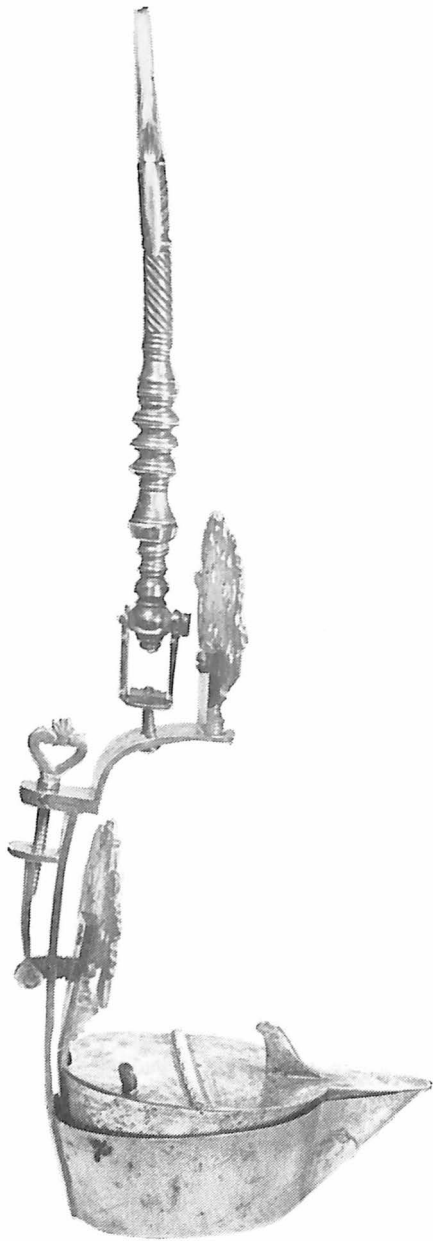


Foto 18 — Candeia em latão (Praia).

Foto Barata e Soares



Foto 19 — Candeia de latão (Praia).

Foto Barata e Soares



**Foto 20** — Haste de suspensão da candeia de latão (Praia).

Foto Barata e Soares



**Foto 21** — Parte superior do estribo de caixa (Praia da Vitória).

Foto Iris

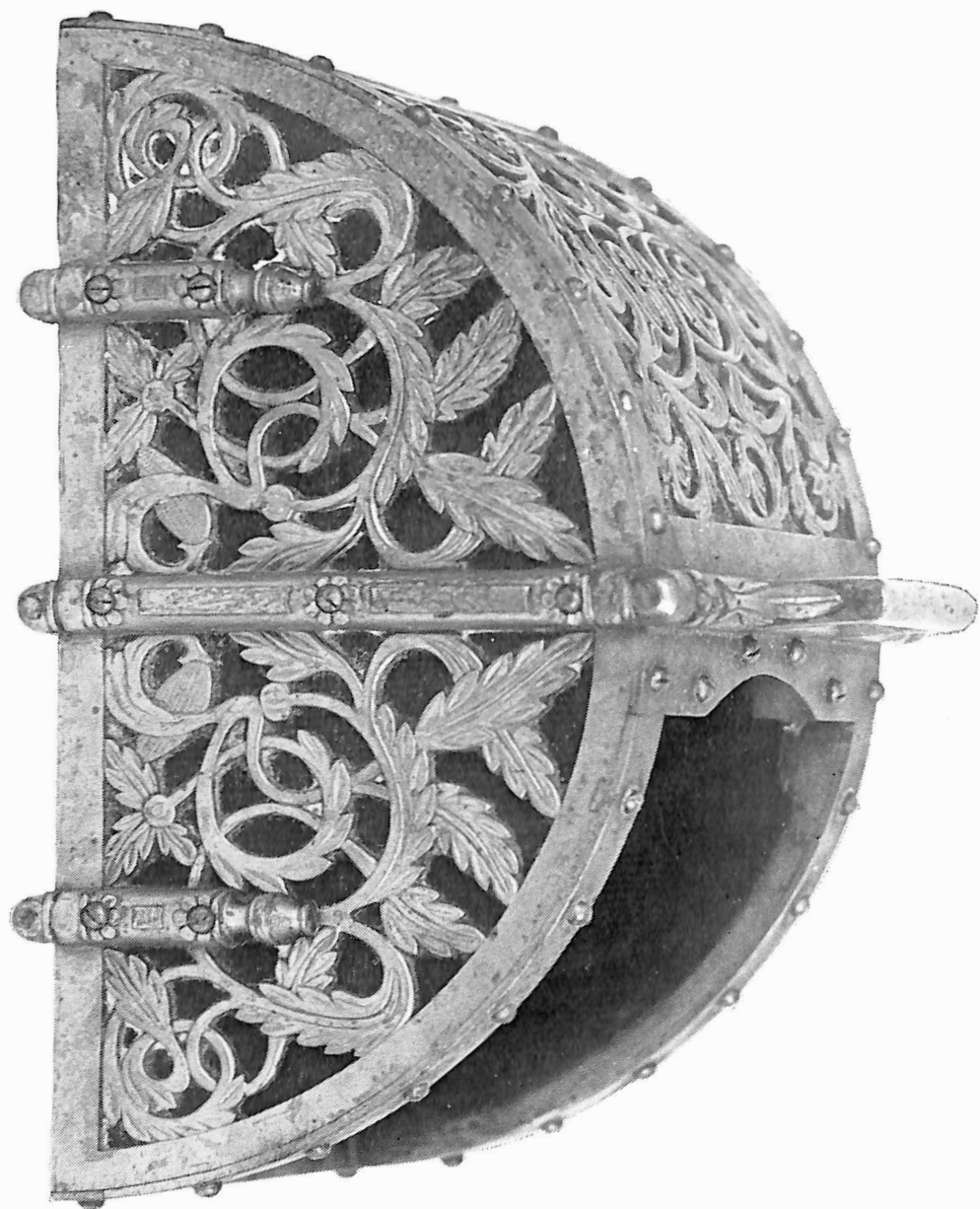


Foto 22 — Guarda esquerda do estribo de caixa (Praia da Vitória).

Foto Iris

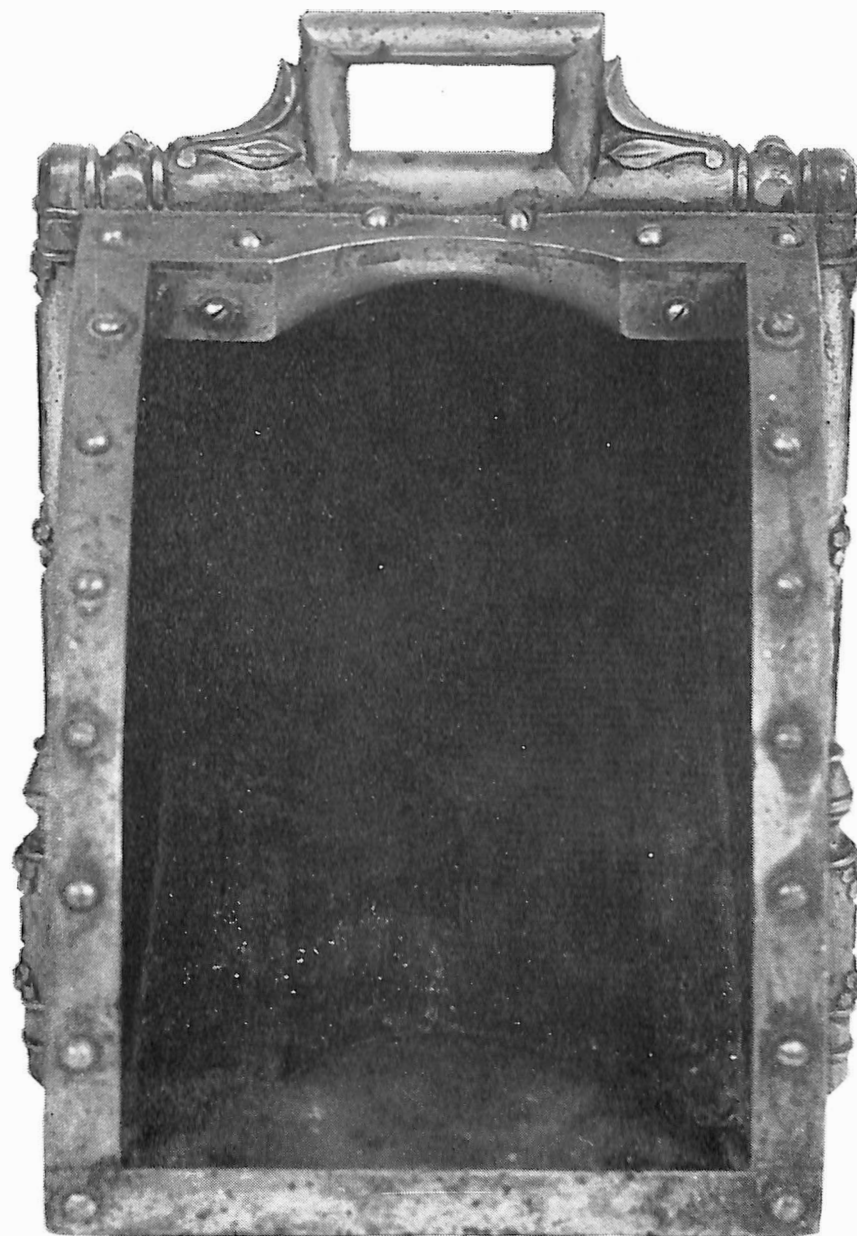
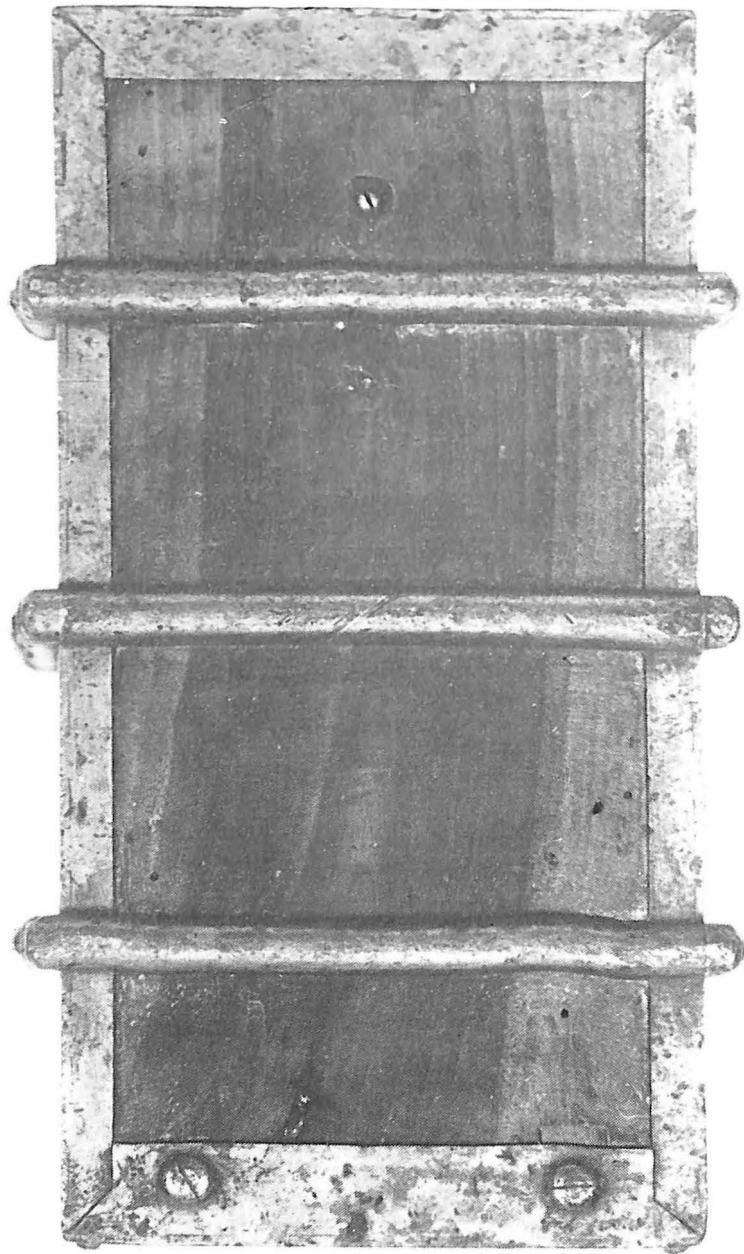


Foto 23 — Abertura do estribo de caixa (Praia da Vitória).

Foto Iris



**Foto 24** — Parte inferior do estribo de caixa (Praia da Vitória).

Foto Iris